

A SEMANA HEBDOMADÁRIA: ORIGENS, EXPANSÃO E DESIGNAÇÕES

Isaac Nicolau Salum

INTRODUÇÃO

Este estudo respiga e refunde matéria de capítulos diversos de trabalhos meus ainda inéditos sobre a semana astrológica e a judeo-cristã. Sendo o seu objetivo apresentar apenas uma vista geral do assunto, não entrará em todos os problemas estruturais ou em pormenores do sistema de designação dos dias da semana nas línguas européias modernas, em seus vários domínios. Mas também não fugirá a domínios que, ficando além da minha formação específica, nem por isso estão inteiramente fora do meu alcance para julgá-los, com o aproveitamento dos subsídios e sugestões que nos ofereçam os entendidos ou alguns dos estudos especializados destes últimos cem anos. E, como não visa a levar uma mensagem a especialistas, mas a trazer, no assunto, modesta colaboração à cultura nacional, dirigindo-se a pessoas de nível superior, ou médio, interessadas em problemas histórico-filológicos ou lingüístico-culturais, aqui e ali se ajuntam informações que seriam supérfluas para os especialistas de além-mar, dando-se a tradução de textos gregos — estes poucos e curtos — e latinos que forem citados na documentação dos fatos.

O que de início se pretendia neste apanhado era examinar apenas as designações da semana quanto aos seus sentidos e como distribuição de formas nas várias línguas semitas e indo-européias — entre estas, particularmente as românicas —, dentro de cujo domínio ela se estendeu. Seria um trabalho desprezioso de lingüística diacrônica. Pareceu-me, depois, que isso devia ser precedido de uma rápida informação histórica das origens, das lutas e da expansão da própria semana no mundo mediterrâneo como um curioso problema que in-

teressa à história da cultura, de modo que os nomes da semana continuam aguardando ocasião, ficando aqui apenas a parte introdutória. Naturalmente, o vôo pode ser ambicioso demais, mas, se realizado com cautela, beneficiará a leigos que tenham curiosidade intelectual e por isso têm direito a uma exposição pelo menos inteligível hoje em dia. E é para não criar problemas de compreensão aos leigos que a documentação vai indicada de modo menos conciso do que é costume em trabalhos de especialistas. Aos leigos os franceses chamam *profanes*, mas eu creio que no domínio das Letras e das Ciências Humanas não é desejável que alguém de nível superior receba esse epíteto.

A parte central deste estudo ficará, pois, dividida em quatro seções, devidamente tituladas. Suas divisões e subdivisões são apenas marcadas por números e letras. Só a conclusão e esta introdução ficam livres dessas amarras, mas toda a exposição se nega a prender-se demais às amarras do jargão que se costuma chamar científico.

A bibliografia específica sobre a semana é bastante volumosa, pois vem se acumulando já há alguns séculos. Apesar disso, não é pequeno o número de trabalhos de alto valor assinados por especialistas nestas últimas décadas. Muitos deles funcionam como análises críticas, outros como fontes ou semi-fontes supletivas de dados. O levantamento bibliográfico do fim, disposto em ordem cronológica, parte do ano de 1864, para reunir, não tudo, mas o que pude ter em mãos daquilo que de mais importante escreveram acerca da semana especialistas em Cronologia, Filologia, Linguística, História, Lexicologia, Teologia, Geografia Linguística e, talvez, em Linguística Estrutural. É apenas o essencial e moderno. Omitem-se, em sua maioria, verbetes de dicionários especializados — da Bíblia, de Teologia, de História —, para não espichar demais a lista, bem como artigos e monografias anteriores a 1864, alguns outros posteriores, de menor importância, e algumas importantes recensões críticas de artigos recentes (1).

Entre os títulos enumerados figura o *Lyall's Guide*, 1951. Ao leitor poderá parecer estranha a sua inclusão entre estudos

(1) Omitem-se também concordâncias bíblicas — da *Septuaginta*, da *Vulgata*, do *Novo Testamento Grego* — e outros trabalhos, que ocasionalmente, vêm citados nestas notas de rodapé. Da lista de 46 títulos, três, os precedidos de asterisco, não pude ter em mãos, dois outros são ampliações de microfimes que devo ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, do Rio de Janeiro, dezessete são igualmente ampliações

especializados. A mim não parece. Paulo Ronai chamou-o “precioso companheiro de viagem”. Ante a nossa carência de informações, quem não é poliglota, nem “especialista em tudo”, dá as boas-vindas a quaisquer fontes honestas de informação e usa tudo, inclusive as de alto porte, com cautela e espírito crítico (2). Sem abusar do trocadilho, este me foi um “guia leal”. Poderia até, como nossos estudantes, dizer que é um “guia legal”.

Aliás, esses 46 títulos, entre os quais 3 precedidos de asterisco, a indicar que estão na pauta mas não me vieram às mãos, não pretendem ser outra coisa que uma pequena ajuda a interessados no assunto, que, se pode ficar prejudicado pelas suas raízes diacrônicas, retoma e redobra o seu interesse no prisma em que tentei encará-lo, que tem algo de estrutural e de sociolinguístico, sem desprezar o diacrônico, mas sem confundir critérios de abordagem.

I — A SEMANA PRÉ-HEBDOMADÁRIA

1 — A Antigüidade Oriental e a Clássica nos dão notícia de três partições do mês que não coincidem com a nossa semana: seria uma divisão regular do mês assírio em seis períodos de cinco dias, a divisão regular do mês grego em três décadas, que se chama a década grega, e a partição latina do mês em três conjuntos desiguais, limitados por três datas fixas: *Kalendae*, *Nonae* e *Idus*.

a — Segundo P. Jensen (3), os cuneiformes capadócijs do 3.º milênio A.C. indicam que entre os assírios os dias 5,

de microfílmes que devo ao Serviço de Documentação da CODAC da Reitoria da USP e cinco outros devo à gentileza de amigos, que me conseguiram cópias em xerox, ou manuais — estas com rigor “diplomático”, os demais 24 são obras a que tive acesso diretamente. Registro aqui os meus agradecimentos às pessoas e aos serviços que me prestaram essa excelente colaboração, bem como ao Mosteiro de São Bento, pelo acesso à sua Biblioteca. O uso de siglas nestas notas fica esclarecido pela indicação no final de cada título na Bibliografia.

- (2) A referência de Paulo Ronai está em *O Estado* de 30/7/1953. As págs. de maior interesse do *Lyall's Guide* são: a) para os “dias da semana”: 14-15 (l. românicas), 76-77 (l. germânicas), 142-143 (l. eslavas), 206-207 (fino-úgricas e bálticas), 270-271 (grego, albanês, turco, árabe, esperanto); b) para a “semana” (na mesma ordem): 56-57, 120-121, 186-187, 250-251, 314-315.
- (3) P. Jansen, *DsWBN*, 1901, p. 150-151. Em matéria de Assiriologia, só rastreando mesmo os assiriólogos.

10, 15, 20, 25 e 30 de cada mês eram dias especiais, consagrados os três primeiros aos deuses Anu, Ea e Bel e os três últimos aos astros Lua, Sol e Vênus. Parece aí haver, regularmente, seis conjuntos no mês. Seria isso o que se poderia chamar *pêntada* ou *quintana*.

b — A designação dos dias do mês em grego, como já se pode ver em Hesíodo, em *Trabalhos e Dias* v. 765-825, baseia-se na sua divisão em três décadas:

1.º) na primeira o dia é designado pela fórmula: *νουμηνια* (“lua nova”) e ordinal, em série crescente, de “segundo” a “décimo” + part. pres. passivo no genit. *ισταμενου* (sc. *μηνος*), isto é: “neomênia” (= lua nova” = 1.º), 2.º, 3.º... dia da parte “iniciante” (4);

2.º) na segunda, o dia é designado pela fórmula: ordinal, em série crescente, de “primeiro” a “décimo”, + *επι δεκα* (ou “o part. pres. ativo no genitivo *μεσουνητος*”), isto é, “1.º, 2.º, 3.º... dia depois de dez” (= do dia dez), ou “1.º, 2.º, 3.º... da parte “mediante”;

3.º) na terceira, se usavam dois processos diferentes:
— ordinal, em série crescente, de “primeiro” a “décimo” + *επι εικαδι*, isto é, “1.º, 2.º, 3.º... dia depois da década” (= 1.º, 2.º, 3.º... depois do dia 20);

— ordinal, em série decrescente, de “décimo” a “primeiro”, + um dos parts. pres. seguintes no genit.: *φθανοντος* (= “findante”), *ληγοντος* (= findante), *τανομενου* (= cessante), *απιοντος* (= “partinte”, ou *εξιοντος* (= “sainte”), como acima, isto é, “10.º, 9.º, 8.º... dia do (segmento) “findante”, “cessante”, “partinte” ou “sainte” (5).

O processo de designação dos dias é complicado, mas a partição é bastante regular (6).

(4) O primeiro dia do mês era a *lua nova* (*νουμηνια*), o uso do ordinal começava com o 2.º dia.

(5) Essas traduções literalistas são ditadas apenas pelo espírito pedagógico: quem puder traduzir não precisa delas.

(6) Essa sistematização está baseada nas de Macróbio, *Saturnalia*, I, XVI, 40-42, e nas informações de Thomas Hewitt Key, no art. *Calendarium*, em William Smith, *A Dict. of Greek and Rom. Antiquities*, London, John Murray, 1878, p. 223 (art. todo, p. 222-232). As gramáticas gregas, mesmo as boas, são omissas, e Laurand et Lauras, *Man. des Études grecques et latines* (1957) I, p. 119, dão informações discordantes.

c — A partição latina não é tão regular: as *Kalendae* incidiam no 1.º dia de cada mês, e as *Nonae* e os *Idus*, respectivamente, nos dias 7 e 15 dos meses de março, maio, julho e outubro, e nos dias 5 e 13 dos outros oito meses. Desse modo, as três faixas eram de largura diversa no mês e nos meses, e apenas a do meio era sempre de 8 dias:

- em janeiro, agosto e dezembro, eram de 4, 8 e 19 dias;
- em fevereiro, eram de 4, 8 e 16 (nos bissextos, 17) dias;
- em abril, junho, setembro e novembro, eram de 4, 8 e 18 dias;
- em março, maio, julho e outubro, eram de 6, 8 e 17 dias.

A partição não é regular, a designação é complicada, mas fácil de se encontrar exposta em gramáticas latinas.

2 — Mas, nessas mesmas civilizações, há outras partições, ou traços, que mais se aproximam da semana hebdomádica, ou que parecem denunciá-la.

a — Os assiriologistas observam que, com a partição em seis faixas de cinco dias, coexiste nos documentos outra de sete em sete dias, entre assírios e babilônios: os dias 7, 14, 19, 21 e 28 eram considerados nefastos”. Aí só o dia 19 é que quebra a regularidade. Além disso, as fontes assírio-babilônicas dão nome especial ao 15.º dia do mês: chamam-no *sha(b)batu* ou *sha(p)pattu* (7). Segundo Pinches, citado por Schürer (8), esse termo se ligaria ao sumério *sha-bat*, composto de *shag*, “coração”, e *bat*, “chegar ao fim”, donde a interpretação, “repouso do coração” ou “repouso médio” (9). Seria um dia de festival lunar: “o repouso da lua cheia” (10).

(7) Por falta de matrizes para representar a sibilante palatal — s alongado ou encimado por um acento circunflexo invertido —, uso o dígrafo *sh* da tradição gráfica inglesa, que já é, aliás, corrente entre nós em nomes próprios japoneses. Cabe, até, notar que o *h* é de uso tradicional em nossa ortografia para indicar a palatização duma consoante, por ex.: *lh*, *nh*, *ch*. Assim, *sh* não ficará muito estranho. Assim, também, por dificuldades técnicas, não se distinguirá o *sheva* do *e* comum, nem vogais longas de breves, nem o *alef* do *ayin*, que serão ambos transcritos por um apóstrofo (').

(8) Em *DsWGchK*, 1905, p. 14.

(9) “Repouso médio”, certamente por ser o coração, “o centro”; cf. metáfora nas línguas eslavas: *sreda* (raiz *kra* = coração), para “quarta-feira”, que era o centro da semana. Ver adiante, III, 4, *a a d*, e notas.

(10) Para ligar o “repouso do coração” à lua cheia, seria possível ver alusão à forma do coração como do plenilúnio. De resto, num dos documentos assírios se diz que os “primeiros cinco dias do mês são os dias da *foice*,

b — A semelhança formal e semântica de *shabattu* com o *shabbath*, “descansar”, “repousar”, isto é, “parar” (cf. Ex, 20,11 e Gn, 2, 2-3), aludindo não ao “repouso” da Lua, mas ao “repouso” de Deus na “Semana Criativa”, salta aos olhos e é compreensível. Por um lado, a tradição hebraica parte de Ur dos Caldeus, de onde saiu Abraão (cf. Gn, 11, 16, 31 e 12, 1 e ss.), e, por outro lado, não deixa de ser notável que algumas das mais antigas referências ao *shabbath* no Velho Testamento o oponham à lua nova, parecendo denunciar resíduo de festival lunar. Assim, Amós (8, 5), Oséias (2, 13), e Isaías (1, 13 e 14), profetas do século VIII A.C., nas únicas referências que a ele fazem, sempre mencionam o par — *hôdesh weshabbath*, “lua nova e *shabbath*” — e, além deles, nos textos exílicos e pós-exílicos, mais dez vezes recorre a expressão (11).

c — Quanto à relação da partição em séries de sete com a semana astrológica e em geral, ao chegar ao fim do seu estudo sobre a semana entre os assírios e babilônicos, P. Jensen enumera, meio céptico, as conclusões seguintes, que eu traduzo literalmente:

1.^a) “Uma semana como a nossa não é demonstrável entre assírios e babilônicos”;

2.^a) “tampouco é demonstrável entre assírio-babilônicos o nosso modo de designar os dias da semana, nem mesmo nome algum de dia-da-semana”;

3.^a) “haveria, talvez, sem ligação com “semana”, a característica série de epônimos (= os sete planetas)”;

4.^a) “essa série não prova nenhuma semana com nossos nomes de dia” (12).

Aí está a opinião de um especialista. E eu não posso ir além.

os segundos os do *rim*, os outros cinco dias, os do *barrete* (ou da coroa real) (cf. Jensen, *DsWBN*, 1901, p. 150), onde se vêem as imagens da “lua nova”, do “crescente” e da “lua cheia” expressas por metáforas.

(11) Eis alguns deles: 2Re, 4, 23; 1Cr, 23, 31; 2Cr, 2, 4; Es, 5,52. A bibliografia sobre o *shabbath* é vastíssima. Lembrem-se aqui apenas: a) a precisa e concentrada de Gesenius-Robinson-Brown, com a colaboração de S. R. Driver e Ch. A. Briggs, em *A Hebrew and English Lexicon of the O.T.*, Oxford (1952), art. *shabbath*, p. 992; b) art. de Robert Smith Marti, na *Encycl. Bíblica* de Cheyne (1903), §§ 6-8, cols. 4177 e 4180; c) art. *sabbaton*, 1964, de Ed. Lohse, em Kittel, *Sabbaton*, 1964, p. 1-2, onde se levantam 70 títulos bibliográficos.

(12) *DsWBN*, 1901, p. 160.

d — Também os gregos parecem ter conhecido um “embrião” de semana, expresso pela contagem por grupos de sete. Em quatro passagens da Odisséia, se põe nos lábios do narrador — Ulisses em três delas, Eumeu na quarta — a menção de seis dias de navegação e um sétimo de chegada ao porto, seis dias de banquete e um sétimo de partida pelo mar. Parece, pois, hábito de contagem, talvez inspirado pela sucessão das fases da Lua. Mas ainda não será a semana (13).

e — O terceiro vestígio — este, porém, de “semana” de oito dias — é a “semana” nundinal latina. Chamava-se *nundinae* (sc. *feriae*) ou *internundinum* (sc. *tempus*). Na verdade, a preferência pela primeira designação mostra que o centro de interesse estava antes nas *feriae nundinae*, que era o “feriado” para os homens do campo virem a Roma vender seus produtos, fazer compras e resolver problemas administrativos e forenses. Era feriado na vida rural apenas. As *nundinae* recorriam regularmente (14) de oito em oito dias (15). Essas eram mais parecidas com a nossa semana, apesar de não partirem da mesma base: o *internundinum* podia emendar meses e sempre emendava anos (16). Afinal, no séc. IV A.D., um decreto de Constantino realizou a fusão das *nundinae* com o *dies Solis / dies Dominicus* das duas semanas hebdomadárias em processo de amalgamação: é o que se acha em *C.I.L.*, III, 4121, e diz que o Imperador determinou que as *nundinae* coincidissem com o *dies Solis* em todo o ano.

- (13) Citadas por Boll, art. *Hebdomas*, em Paulys-Wissowa, vol. VII, 1912, col. 2555. São elas *Od.*, X, 80-83; XII, 397-400; XIV, 249-254; XV, 467-477. Mas em VII, 253-255 (também cit. por Boll), o período é de nove (e não seis) dias de viagem e um décimo de chegada à ilha de Calypso.
- (14) Havia 45 *nundinae* no ano. Usava-se o dia intercalar para evitar que elas coincidissem com as *Kalendae Ianuariae* ou com as *Nonae* de qualquer mês. (Cf. Macróbio, *Saturnalia*, I, XIII, 16-19). Também a *Tabula Maffeana* (*CIL*, I, p. 294 e 303-309). Riccardo Carnali, em P. Ovídio Nasone, *I Fasti* (comento e note), Chiantore, 1945, Introdução, p. XL-XLVIII, traz essa *tabula* e boas informações.
- (15) *Nundinus, a*, um significa “relativo ao nono dia”. E que a contagem romana inclui o *terminus a quo* e o *terminus ad quem*. Contudo, Varrão deixa ver que, apesar disso, não havia aumento real de dia: *Itaque annum diuiserunt (uiri nostri maiores) ut nonis modo diebus urbanas res usurparent, reliquis septem ut rura colerent* (*RR*, II, 1) (= “Portanto nossos maiores dividiram o ano, a fim de que os camponeses pudessem aproveitar os nonos dias em negócios urbanos e nos sete restantes cultivar os campos”).
- (16) Para as *nundinae*, além do que já ficou citado, na nota 14, ver o art. *Calendarium* de Th. Hewitt Key, na nota 6, p. 226-228 e o art. *Nundinae*, de Leonhard Schmitz, p. 315-316, da mesma obra.

f — Assim, tais “semanas” pré-hebdomadárias não chegaram a exportar-se: nasceram e viveram apenas para uso local. Também nem chegaram a ter nome enquanto vivas, salvo as *nundinae*. Os nomes *pêntada* ou *quintana*, *década* e *semana nundinal* são da metalinguagem moderna.

II — A SEMANA HEBDOMADÁRIA

1 — A semana hebdomadária é que nos deu os nomes para “semana”: no mundo greco-romano, *εβδομας*, é que produziu as duas formas latinas, *hebdomas* e *hebdomada*, sobre as quais em parte se modelou *septimana*, as três, como se está vendo, evocando o número “sete”. As palavras para “semana”, nas civilizações que nestes três milênios operaram no Mediterrâneo ou de lá partiram, podem exprimir três noções, aqui enumeradas na ordem crescente de generalização:

1.^a) a específica, de “período de sete dias”, devidamente “batizados”, que recorrem sistematicamente através do mês e do ano, começando sempre com o mesmo dia, que pode ser o sábado, o domingo ou a segunda-feira (17);

2.^a) a genérica usual, de “período qualquer de sete dias”, como simples medida de tempo, contáveis a partir de qualquer dos dias “batizados” da semana específica;

3.^a) a genérica técnica da linguagem da Cronologia, de “período qualquer regular de tempo dentro do mês (e do ano)” entre *dia* e *mês*, na série: *instante*, *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, etc.

a — No primeiro sentido, ela recorre 52 vezes no ano, em geral emendando meses e emendando anos (18). No segundo, *semana* funciona como medida de tempo decorrido, em decurso ou a decorrer, com possibilidade de soma ou mul-

(17) Pelo *sábado* (*dies Saturni*) começava a semana astrológica romana; pelo “sábado” (*assabt*) começa a semana islâmica; pelo *domingo* — *yom 'ehadh* ou *yom ri'shon*, ou *'ehad bashshabbath* (ou *bashshabbetha*), “dia primeiro”, ou “primeiro dia da semana”, ou *dies dominicus* — começa a judeo-cristã; pela “segunda-feira”, começa a semana popular cristã, e até a culta nos domínios italiano, balcânico e eslavo. A razão é que o dia de descanso tem que vir no fim: só se descansa depois de se ter cansado!

(18) Sete dos nossos meses têm 31 dias, quatro 30, e fevereiro, 28 (29 nos anos bissextos); não há, pois, meses divididos exatamente pela semana. Em 1973, a semana só não emendou abril com março e julho com junho; em 1974 só não emendará setembro com agosto e dezembro com novembro. Até 1974 foi emendado a 1973.

tipificação, como qualquer outra unidade: *há uma semana, dentro de duas semanas, daqui a quatro semanas*, etc. O terceiro sentido comporta “semanas” de diferentes dimensões, existentes teórica ou historicamente, como as pré-hebdomadárias: é o do uso metalingüístico.

b — Como atrás se disse, as formas *hebdomas*, *hebdomada* — donde nos veio *hebdomadário* — e *septimana*, partindo do número “sete”, levam o nosso espírito etimológico a sentir paradoxal ou pleonástico o uso de expressões como *semana pré-hebdomadária* ou *semana hebdomadária*. Não é essa a impressão que nos dá o alemão *die siebentägige Woche* ou o inglês *the seven days week*, aí certamente porque *Woche* e *week* nada falam imediatamente ao nosso espírito etimológico. Mas o sentido genérico-técnico, metalingüístico, é legítimo.

2 — A semana hebdomadária é de origem semita e conhecida sob duas variedades — uma hebraica, a judeo-cristã, e outra caldaica, a astrológica ou planetária —, que parecem ter surgido inteiramente desvinculadas uma da outra (19). Se adotarmos para os fatos assírio-babilônicos a posição cautelosa de Jensen, as atestações mais antigas são as da hebraica, ali pelo séc. IX A.C. Para se entenderem bem as datas que aqui se darão para as atestações mais antigas da semana hebraica, são necessárias algumas indicações sobre a formação do Pentateuco.

a — A chamada *teoria documentária* da formação do Pentateuco é hoje admitida pacificamente entre os especialistas em Filologia Bíblica. Até edições católicas modernas, destinadas ao público em geral — como a da famosa Bíblia de Jerusalém —, as expõem tranqüilamente (20). O Pentateuco resultaria da fusão de quatro documentos fundamentais, de origens e épocas diferentes, com interferências de redatores. Sem dar atenção a pormenores de “amalgamadores”, alinhamos aqui os principais documentos:

1.º) o Javista (J), do Reino de Judá, do séc. IX A.C.: chama a Deus *IHWH (Yahweh)*: *Gênesis*, *Êxodo*, *Números* (e pontos raros do *Deuteronômio*);

(19) Mesmo que o *sabbatu/sappattu* assírio e o *shabbath* hebraico se relacionassem já desde tempos remotos, a visão astrológica parece muitíssimo mais recente que a judaica, que é pré-exílica.

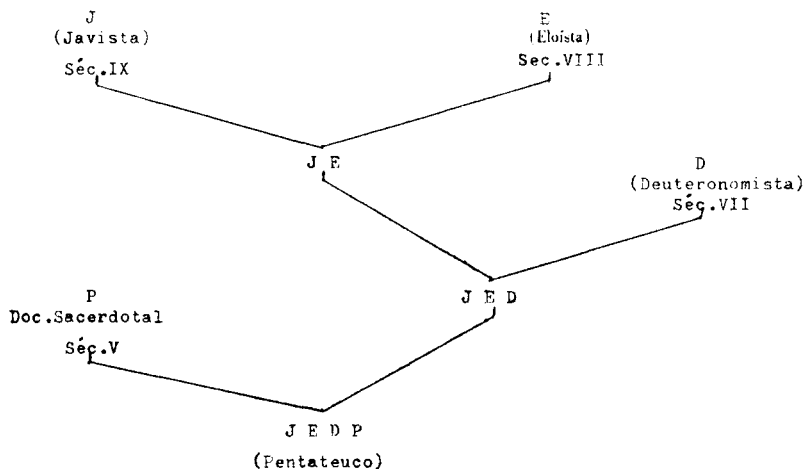
(20) *La Sainte Bible* da E. B. de Jerusalém, Cerf, 1953, p. 4-7 (Nouvelle édition entièrement revue et augmentée, 1973, p. 24-29). Ver ainda: *La Sainte Bible*, de Maredsous, 1949, p. XII; Pirot Clamer, *La Sainte Bible*, Letouzey, 1953, tome I, 1ère partie, p. 20-57.

2.º o Eloísta (E), do Reino de Israel (Norte), do séc. VIII A.C.: chama a Deus *Elohim*: *Gênesis*, *Êxodo*, *Números* (e pontos raros do *Deuterônômio*);

3.º o Deuteronomista (D), da época de Josias (de 622 A.C.): o livro de *Deuterônômio* quase integral.

4.º o Sacerdotal (P) (inicial de *Priester*) do séc. V A.C.: *Levítico* integral e partes apreciáveis de *Gênesis*, *Êxodo*, *Números*, e pontos do *Deuterônômio* (21).

b — O esquema de Lucien Gautier, de 1916, dá uma vista global, clara e simplificada, de como se teria condensado a coleção (22). Naturalmente, a admissão da teoria não obriga a imaginar que os dados históricos e as tradições explicativas sejam da época dos documentos: estes devem repousar em tradições seculares, remontando boa parte delas aos tempos mosaicos. Eis o esquema de Gautier:



(21) Esses levantamentos condensam a distribuição minuciosa dada por L. Gautier, *Intr. à l'Ancien Testament*, Lausanne, Bridel, 2e éd. revue, 1914, vol. I, p. 81-84 (a 1.ª ed. é de 1906 e a 3.ª de 1939).

(22) *Op. cit.*, p. 50. Os quadros de Wellhausen e de Dillmann podem ser vistos em Ad. Lods, *Histoire de la littérature hébraïque et juive*, Paris, Payot, 1950, p. 113 e 114. Mas o de Gautier é mais claro e serve melhor ao nosso intuito.

c — Os textos do Pentateuco que interessam à semana são os que levanto no quadro abaixo:

Shabbath e alusões à “semana” no Pentateuco (23)

Textos	Documento	Época
Êxodo 16, 4-5; 29-30	J	Séc. IX A.C.
Êxodo 20, 8-11 35, 1-3	E (ou JE)	Séc. VIII A.C.
Deuteronômio 5, 12-15	D (ou JED)	Séc. VII A.C.
Gênesis 1 e 2, 1-3 Êxodo 16, 22-28 31, 12-17 Levítico 16, 31 19, 3 23, 3-4 24, 8 25, 1-22 15, 32 Números 28, 9-10	P (ou JEDP)	Séc. V A.C.

d — As principais fontes para o estudo da semana hebraica e dos seus prolongamentos eclesiásticos são o *Velho Tes-*

(23) Esse quadro se baseia em levantamentos de Concordâncias bíblicas da *LXX*, da *Vulgata* e da Bíblia inglesa de King James (Conc. de Strong, s.v. *Sabbath*), comparados com a distribuição por documentos de Gauthier citada na nota 21. Só Gn, 1, e 2, 1-3 se referem a *dia* precedido do cardinal; outras ocorrências de *1º dia*, *7º dia* na Torah, referindo-se à semana, não foram aqui levantadas. Outros textos antigos do V.T., que se referem ao *shabbath*, são: Am, 8, 5 (760 A.C.), Os, 2, 11 (750 A.C.), Is, 1, 13 (740 A.C.), Jr, 17, 21-27 (626 A.C.), Ez, 46, 1, 4, 12 (592 A.C.), O Dêutero-Isaias, 56, 58 e 66 (c. 540 A.C.). Poucos mais, mais recentes. O *shabbath* ocorre 110 vezes no V.T., apenas em 15 dos 39 livros, contra 60 no N.T., aqui só em 6 dos 27 livros (4 Evangelhos, Atos e Epist. aos Colossenses).

tamento hebraico, a *Septuaginta*, o *Novo Testamento grego*, a *Vetus* e a *Vulgata Latina*, os dois escritores judaicos — Filão de Alexandria (fl. c. 30-45 A.D.) e Flávio Josefo (de 37 a depois de 93 A.D.) —, a literatura rabínica da época talmúdica, a *Patrística Grega* e a *Latina* dos oito primeiros séculos.

e — A literatura rabínica é o vasto repertório chamado *Talmud* e *Midrash*, que reúne toda a cultura judaica do séc. II ao séc. XII A.D. O *Talmud* (= “disciplina”) consta da *Mishna* (= “instrução”, “lei”), obra dos *tannaim* (= “instrutores”) em 63 tratados, pronta no séc. II A.D., e da *Gemara* (= “complemento”), obra dos *amoraim* (= “intérpretes”), em duas tradições — a palestina (39 tratados), acabada no séc. IV, e a babilônica (37 tratados), acabada no séc. V. A *Midrash* (= “exegese”, “pesquisa”), composta da *Halakah* (= “exposição”) e da *Haggada* (= “narração”), foi elaborada no séc. XII (24).

3 — A tradição bíblica, nas duas linhas hebraica e grega, e a rabínica e a patrística, documentam três épocas da semana judaica e judeo-cristã, que vão aqui descritas com relativo pormenor, em virtude do seu interesse para compreender a expansão e a evolução da semana asiática e europeia.

a — *Época clássica* (pré-exílica) — Desde a origem até o séc. VI A.C. Documentação apenas veterotestamentária, nos textos já lembrados para o *shabbath*. Os testemunhos da *LXX* e da *Vetus* e *Vulgata* latinas, nos títulos de alguns salmos e em *Judith*, 8, 6, ficam excluídos por inexistirem no hebraico e serem respectivamente do séc. II A.C. e dos sécs. II e IV A.D., portanto, reflexos das épocas seguintes.

b — Apenas o *shabbath* tem nome: os demais dias, salvo o primeiro, exprimem-se pelo “ordinal”, às vezes precedido de “dia” (cf. Gn, caps. 1 e 2; Ex, caps. 16, 20 21); o primeiro

(24) Cf. A. Cohen, *Le Talmud*, Payot, Paris, 1950, p. 17-39. Ver também o excelente trabalho de exegese neotestamentária de H. L. Strack e P. Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, München, C. H. Beck'sche (em 4 vols. e 5 tomos) 1922-1928, com um volume de índices, de Joachim Jeremias e Kurt Adolph, de 1963: especialmente vol. I, p. 1052-1054 (anotações a Mt, 28, 1) e outras, como *Introd.* e vol. de índices.

dia é expresso ou pelo “cardinal” (25), ou por *ri'shon*, “capital” (26). Formas hebraicas:

- (*yom*) + *'ehadh* (ou *ri'shon*), “(dia) um” (ou “capital”);
- (*yom*) + *shani*, “(dia) segundo”;
- (*yom*) + *shelishi*, “(dia) terceiro”;
- (*yom*) + *rebh'i*, “(dia) quarto”;
- (*yom*) + *hamishi*, “(dia) quinto”;
- (*yom*) + *hashshishshi* (27), “o (dia) sexto”;
- shabbath* (ou *hashshabbath*), “sábado” (ou “o sábado”).

c — *Época helenística* (pós-exílica e neotestamentária). Podemos estendê-la, quanto às fontes, desde o séc. II A.C. (tradução dos salmos na *LXX*) até ali pelo ano 90 A.D., data aproximada do Apocalipse, que atesta a primeira inovação cristã, e também data do concílio rabínico de Jâmnia, que marca a instituição do judaísmo pós-bíblico. A elaboração foi em vivência aramaica, mas a documentação que se tem é apenas grega, quase decalques do aramaico. As versões latinas do séc. II e IV A.D. e os escritos patrísticos decalcam o grego. São 5 passos da *LXX* — títulos dos salmos 23, 47, 80, 91 e 93 e Jd, 8, 6 — (28), e mais 15 passos neotestamentários: Mt, 28, 1; Mc, 16, 2 e 9; Lc, 18, 12 e 24, 1; Jo, 20, 1 e 19; At, 20, 7; 1 Cor, 16, 2; Mt, 27, 62; Mc, 15, 42; Lc, 23, 54; Jo, 19, 14, 31 e 42. A *Vetus* e a *Vulgata* dão as transposições latinas. Acrescente-se a documentação das obras de Filão e Josefo.

d — A inovação mais notável nesta época é que o *shabbath*, tornado o centro afetivo da semana, tomou tal significação que o termo *shabbath* passou a acumular dois sentidos: “sábado” e “semana”. Seu uso como “semana” se generalizou, como se pode ver desta amostra não estereotipada em Lc, 18, 12, onde, na Parábola do Fariseu e do Publicano, Jesus põe estas palavras nos lábios do primeiro: *νηστευω δις του σαββατου*, *ieiuno bis in sabbato* (*Vulg.*), que não se poderia

(25) Vestígios desse cardinal são as traduções literalistas do *N.T.* grego e as latinas, e até, algumas modernas. Seria extensão dele o uso do cardinal pelos árabes e pelos cristãos sírios de fala aramaica para todos os dias?

(26) Derivado de *r'osh*, “cabeça”. Cf. port. *rês*, vindo do árabe: “cabeça de gado”.

(27) Pela sua vizinhança com o *shabbath*, que era em geral articulado, “o sexto dia” também é articulado na “Semana Criativa”, e depois.

traduzir, *jejua duas vezes no sábado*, o que não teria sentido, mas: *jejua duas vezes na semana*. Como, porém, o hebraico tinha já para indicar “um conjunto de sete” o termo *shabhua* — derivado de *sheba* e *shíbea*, “héptada”, “período de sete” (“dias”, “anos”, “meses”) (29) —, que o aramaico não ignora, a concorrência dos dois termos parece ter estereotipado o uso de *shabbath* como “semana” apenas no sintagma “ordinal” + *be*, “em”, + art. + *shabbath*, decalcado pelo grego e deste pelo latim na forma “ordinal” + (του) σαββατου, “ordinal” + *sabbati*.

e — Os dias são, pois, designados pela fórmula: cardinal (ou ordinal) grego para “primeiro” e ordinal do “segundo” ao “quinto” (no fem.) + (του) (ou των) + σαββατου (ou σαββατων). Dos 20 textos acima indicados, 13 dão a fórmula, e destes, 7 trazem σαββατων no plural e 6 trazem o sing. σαββατου. É que o grego se deixou influenciar pela forma aramaica *shabbetha*, transliterada σαββατα e entendida como plural, mas falso plural, que deu, por derivação regressiva, o sing. σαββατου (30), donde o lat. *sabbata* e *sabbatum*. O “sexto dia” é expresso pelas formas παρασκευη, “preparação” (sc. “do sábado”) e, mais rara, προσαββατου (Jd, 8, 6). Assim, desprezando variantes, se exprimem na κοινή os seis dias, indicando-se entre colchetes as fórmulas só documentadas nos escritores patrísticos:

μια (ου πρωτη) (του) σαββατου,	“primeiro da semana”;
δευτερα (του) σαββατου,	“segundo da semana”;
[τριτη (του) σαββατου],	“terceiro da semana”;
τετρας (του) σαββατου,	“quarto da semana”;
[πεντητη (του) σαββατου],	“quinto da semana”;
παρασκευη,	“preparação”;
το σαββατου (ου ημερα του σαββατου)	“sábado” (ou “dia de sábado”).

f — A documentação patrística e a talmudo-midrásica da época seguinte, assim como as formas de semanas orien-

(28) Os salmos, naturalmente, aqui numerados segundo a LXX e a *Vulgata*, e não segundo o texto hebraico.

(29) *The Exhaustive Concordance of the Bible*, New York/Nashville, Abingdon, 1950 (19.^a impr.) (1.^a ed. de 1894), no seu suplemento de *Hebrew and Chaldee Dictionary*, p. 111 da 3.^a série da paginação, verbete 7620, traduz literalmente *shabhua* por “sevened”: o termo ocorre no V.T. 19 vezes, 15 no plural.

(30) A forma plural é mais freqüente na LXX e sobretudo nos escritores judeus helenísticos; o N.T. prefere o singular, sem ignorar o plural.

tais derivadas da judaica ou da judeo-cristã, preenchem todos os claros. Mas não é conveniente “avançar o sinal”: é bom só contar aqui com os dados anteriores ao séc. I A.D. Cabe, porém, observar que os cristãos sírios de fala aramaica têm ainda hoje a forma aramaica completa dessa semana, indicando os cinco primeiros dias pelo *cardinal* + *bshabba*, sem o nome cristão do “domingo”: *hadh bshabba, tren bshabba, tlatha bshabba, arba'a bshabba, hamsha bshabba, arubhta, e shabtha*, “um na semana”, “dois na semana”, “três na semana”, “quatro na semana”, “cinco na semana”, “véspera” e “sábado” (31).

g — *Época Talmudo-Midrásica e Patrística* (judeo-cristã). Podemos delimitá-la entre o fim do séc. I A.D. e o séc. VIII A.D., quando teria cessado o uso oral geral do latim, ou, talvez, mais tarde, no séc. XII, que marca a conclusão da *Midrash*. As duas tradições separam-se e seguem linhas paralelas com alguns contactos ocasionais. São três as línguas: a aramaica — com resíduos hebraicos —, o grego e o latim (32). Cada uma das três tradições documenta duas variantes A e B, bastante semelhantes. Mas aqui só tratarei da tradição rabínica, visto que a semana eclesiástica é já uma derivação e expansão, que será exposta na última secção deste estudo.

h — *Tradição rabínica*. A documentação da tradição rabínica está no *Talmud* e na *Midrash* e, indiretamente, na Patrística Grega e Latina. Evidentemente, alguns prolongamentos românicos, bem como célticos, germânicos, eslavos, helênicos e orientais, são excelentes testemunhos de soluções especiais, de alomorfes aramaicos certamente anteriores à participação cristã na expansão da semana judaica. Vejamos o essencial da tradição rabínica.

Variante A — Esta é a continuação da helenística. Os primeiros cinco dias — com a ressalva sobre o primeiro — são expressos pela fórmula: “ordinal” + *be* + art. + *shab-*

(31) Tomado a Nöldeke, *DNWS*, 1901, p. 162. Fórmulas um pouco diversas são as de Schürer, *DsWGchK*, 1905, p. 9.

(32) Para a documentação aramaica, que aqui, a partir d'agora, será resumida para a 3.^a época, servi-me dos levantamentos seguintes: 1) de Nöldeke, em *DNWS*, 1901, p. 162-163; 2) de Schürer, em *DsWGchK*, 1905, p. 3-8 (inclusive os de Lightfoot, aí citados, p. 4-5, nota 2; 3) de Strack-Billerbeck, em *Kommentar*, etc. (cf. *loc. cit.*, na nota 24 acima).

bath ou alomorfes (33). O “sexto dia” é expresso por *erebh shabbath* ou variantes de um e outro elemento (34). Outras variantes ocorrem, mas é de especial importância um sintagma só documentado em latim, mas com certa frequência em inscrições, em glossários e nos escritores eclesiásticos, de sentido ainda pouco claro — *cena pura* —, que deu as formas sardas mencionadas acima (35).

Variante B — Esta é a continuação da linha clássica: o *shabbath* na forma hebraica e os seis primeiros dias — feita sempre a reserva do primeiro dia — expressos pelo sintagma (*yom*) + “ordinal” (36). É essa linha a que se perpetua na semana neo-hebraica.

A variante B é simplesmente a “Semana Criativa”, tal como ficou atrás levantada (37). A variante A assim se apresenta, ignorados alguns alomorfes:

<i>'ehadh bashshabbath</i> (ou <i>bashshabbetha</i>)	— “um na semana”;
<i>shani bashshabbath</i> (ou <i>bashshabbetha</i>)	— “2.º na semana”;
<i>shelishi bashshabbath</i> (ou <i>bashshabbetha</i>)	— “3.º na semana”;
<i>rebhi'i bashshabbath</i> (ou <i>bashshabbetha</i>)	— “4.º na semana”;
<i>hamishi bashshabbath</i> (ou <i>bashshabbetha</i>)	— “5.º na semana”;
<i>hashshabbath</i> ou <i>shabbetha</i>	— “o sábado” ou “sábado”.
<i>erebh (arubhtha, arubhath) hashshabbath</i> ou <i>shabbetha</i>	— “véspera do/de sábado”;

(33) São eles: *shabbetha*, *shubba*, **shabba*, **shambetha* e **shamba*; essas formas nasaladas, conforme testemunho do etiópico, do persa, do turco, do alemão, dos dialetos românicos do caminho das missões góticas, “Danúbio-acima e Reno abaixo”, (francês, rético, romeno) e de várias línguas eslavas.

(34) As de *shabbath* são as que foram enumeradas na nota precedente; as de *erebh* são: *arubhath* e *arubhtha*.

(35) *Parasceve*, em latim, em sentido genérico, é raro. *Cena pura*, como “sexta-feira”, é forma judaica que sobrevive na Sardenha: no logudorês e no nuorês. Ver, nesta *Miscelânea*, exaustivo estudo de D. João Mehlmann sobre esse sintagma na Patrística.

(36) Cf., p. ex., as atestações que tomo a Schürer (*DsWGchK*, 1905, p. 3 e 4), nos seguintes passos da *Mishna*: *bashani webahamishi*, “no 2.º e no 5.º” (*Megilla*, 10º tratado de *Moed*, III, 6 e IV, 1) *shani wehamishi we-shani*, (2º e 5º e 2º), (*Taanith*, 9º tratado de *Moed*, II, 9); *layom hahamishi... layom harbishi'i, bayom hashshani webayom hahamishi*, “para o dia 5.º... para o dia 4.º, no dia 2º e no dia 5º” (*Kethuboth*, 2º tratado de *Nahim*, I, 1). Assim também as indicações em *Tamid*, VII, fim (9.º tratado de *Kodashim*), indicações dos dias em que seriam cantados os salmos 23, 47, 81, 93, 80, 92, 91.

(37) Cf. quadro acima, em II, 3 b.

4 — A variedade caldaica, talvez nascida no Egito, ali pelo séc. II ou I A.C., é a semana astrológica, baseada no Septizônio, que, entre os gregos, é conhecido já desde Pitágoras (séc. V, A.C.) (38), e que enumera os cinco planetas conhecidos então, a partir de Saturno, o mais distante do Sol, e incluindo entre eles, nos seus lugares, o Sol e a Lua, nesta ordem:

Saturno — Júpiter — Marte — Sol — Vênus — Mercúrio — Lua

a — As fontes antigas para o conhecimento da semana astrológica são mais abundantes do que as da judeo-cristã. Podemos distinguir três tipos:

1.º as de atestação ou documentação do seu uso: são especialmente inscrições populares, em geral latinas — ou gregas do mundo romano —, pagãs e cristãs, ou textos de natureza pragmática;

2.º os escritos patrísticos, muitas vezes de apologia da semana eclesiástica e de combate à planetária, em geral entendendo como de “deuses” do paganismo, e não de “planetas”, o genitivo nas fórmulas;

3.º os trabalhos específicos de Cronologia ou Cronografia antigos, ou referências ocasionais em obras de Historiografia.

b — Detenho-me por uns momentos nestes últimos. Não é pequena a lista de trabalhos antigos de Astrologia ou Cronografia levantada por Schürer no *Excursus* que ele faz nas doze páginas finais do seu substancioso estudo, dando especial atenção a Paulo Alexandrino (39). Aqui — apenas a título de informação, pois só tive acesso à obra do último nomeado —, se dão os nomes dos autores de mais interesse:

(38) Censorino — *De Die Natali Liber* cap. 13 (ed. de Fr. Hulstsch, Leipzig, Teubner, 1867, p. 22-24), o designa como *επταχορδον*, “heptacórdio” (= de sete cordas), noção musical pitagórica. Também Plínio o Antigo (*H.N.* II, XX (ou 22) (ed. de Jean Beaujeu, Paris, Col. des Univ. de France, 1950, p. 36). Cita-se ainda Ptolomeu, *Almagesto*, IX, 1 (Cf. Jensen, *DsWEN*, 1901, p. 156).

(39) *DsWGchK*, 1905, p. 55-56.

Ptolomeu (séc. II), Manethon (séc. III), Paulo Alexandrino (séc. IV), Fírmico Materno (séc. IV), Sexto Empírico (séc. III, início), e naturalmente, o “Cronógrafo do Ano 354” (40).

c — Não me parece de pequeno interesse examinar as omissões de duas obras latinas, não de Astrologia mas de Cronografia romana, dos sécs. III e IV: o *De Die Natali* de Censorino (fl. 238 A.D.) e o *Saturnaliorum Liber I* de Macróbio (fl. 400 A.D.) (41). É estranho que, tratando especificamente da divisão do tempo, ignorem completamente a semana astrológica, ou qualquer outra, além das *nundinae*.

d — Vejamos Censorino. No cap. 11, 6, ele fala do número septenário, “pelo qual toda a vida humana se divide”, *ut et Solon scribit et Iudaei in dierum omnium numeris seculuntur* (= “como escreve Sólon e como seguem os judeus nos números de todos os dias”), e, depois, lembra o famoso passo das *hebdomades* de Hipócrates. Logo adiante (11, 8), fala em *dies ducenti octoginta, id est hebdomadae quadraginta* (= 280 dias, isto é, 40 “hebdômadas”) como o que dura a gestação, e em *illius hebdomadis primo die* (= “no 1.º dia da última hebdômada”), como o dia do nascimento. No cap. 14, 3 e ss., fala de novo nas divisões septenárias que Sólon e Hipócrates, e, depois, Varrão, fazem da vida, chamando-as *hebdomas* (14, 7). Passando, depois, às divisões do tempo, vai do *saeculum* (cap. 17) ao *annus* (caps. 18-21), ao *mensis* (cap. 22), não ignorando as *nonae septimanae* e *quintanae* (nonas do dia 7 e do dia 5), e assim inicia o cap. 22: *Superest pauca de die dicere, qui, ut mensis aut annus, partim naturalis partim civilis est* (= “resta dizer algo sobre o dia, que, como o mês ou o ano, é em parte natural e em parte civil”). Embora aí se usem *hebdomas* (e *hebdomada*) e *septimana* (adj.) e se fale da tradição judaica quanto ao “número sete”, e, até, nos *fragmenti* (p. 57-60 da ed. cit.), se trate de *stellis fixis et stantibus* (ou *errantibus*) e dos sete astros do Septizônio, não se fala da “semana”: a série decrescente é *saeculum, annus, mensis, dies*.

(40) Ver MGH, *Auctores Antiquissimi*, t. IX, *Chron. Min. saec. IV, V, VI, VII*, Berolini, Apud Wedmannos 1892, vol. I, p. 42-46.

(41) Macróbio, na ed. de Fr. Eyssenhardt, Leipzig, Teubner, 1983 (contém os 7 livros dos *Saturnalia* e o texto e o Comentário do *Somnium Scipionis*). O nome inteiro das *Saturnalia* vem logo no início: *Ambrosii Theodosii Macrobiani viri clarissimi et illustris Conuiviorum primi diei Saturnaliorum liber primus*.

e — Macróbio é o outro enigma. Enigma ou revelação?! Ele, igualmente, no *Conviviorum Primi Diei Saturnaliorum Liber I*, caps. XV e XVI, pelo seu porta-voz, Praetextatus, responde a uma consulta do egípcio Horus sobre as denominações dadas entre os romanos a cada dia — aos fastos e aos que trazem outros nomes — e sobre as *Kalendae*, as *Nonae* e os *Idus*, e as *nundinae* (cf. I, XV, 1-3). Ao fim da exposição, diz Praetextatus:

Plene, ut arbitror, anni ac mensium constitutione digesta habet Horus quoque noster, quod de dierum uocabulis et observatione consuluit. Et scire equidem uelim, numquid sit, quod argutus Niligena et gentis accola numerorum potentis ex hoc ordine Romanae dispensationis inrideat, aut Tuscum quoque Tiberim aliquid ex disciplinis suis hausisse consentiat (I, XVI, 37).

Creio agora que o nosso Horus tem o apanhado completo da organização do ano e dos meses sobre a qual consultou quanto aos nomes e ao uso dos dias. E eu gostaria de saber se há aí alguma coisa de que o arguto niligena e vizinho de um povo entendido em números possa rir dessa organização da dispensação romana ou se ele não reconhece que o Tibre etrusco bebeu algo dos conhecimentos egípcios.

f — Essas omissões de Censorino e de Macróbio numa época em que as inscrições, as alusões patrísticas e já as informações de cronógrafos populares falam da semana astrológica, parecem indicar que o meio em que essa tradição inicialmente e até então operou foi o meio popular, e não o oficial romano. E esses dois autores são já da época da expansão da semana astrológica latina na România e na periferia septentrional e ocidental da România, isto é, na Germânia e no mundo céltico.

g — Díon Cássio nasceu em Nicéia, na Bitínia, em 155 A.D. Era romano, mas de meio e fala helênica e ficou conhecido até nós pela sua *Ρωμαια Ιστορια* (42). Para o nosso caso, ele é de interesse por ser o seu depoimento a mais antiga atestação das duas teorias que tentam explicar a origem da semana planetária. E não deixa de ser curioso ou sintomático o fato de que o famoso passo do livro XXXVII, caps. XVI, XVII, XVIII e XIX da *História Romana*, inicie o amálgama que iriam sofrer as duas semanas na România, na periferia românica. Os caps. XV-XVIII contam como Jerusalém

(42) Duas edições acessíveis da *Romana Historia* de Díon Cássio: a de Dinsdorf-Melber, da Teubner, de 1890 (XXXVII, XV-XIX, vol. I, p. 416-420) e a de Cary Foster, da Loeb, vol. III, p. 123-131.

tabelas do “Cronógrafo do Ano 354” parecem dar mais força a esta teoria do que à primeira (44).

h — Importa ressaltar os seguintes pontos no depoimento de Díon Cássio:

1.º) É o *shabbath* judaico que o leva à digressão sobre a semana: a esse dia ele se refere quatro vezes nesse texto, dando-lhe três vezes, não o seu nome, mas o nome planetário e com variação de formas, como quem não parece estar habituado a usar as designações:

- | | |
|---|--|
| — νυν δε τας κρονου δη
ονομασμενας διαλποντες, | “mas cessando (eles) (o trabalho) nos (dias) chamados de Cronos” (XVI, 2); |
| — ταις δε δη ημεραις
εκειναις, | “e nesses dias” (XVI, 3); |
| — εν τη του κρονου ημερα, | “no dia de Cronos” (XVI, 4); |
| — και την ημεραν
την του κρονου
καλουενην ανεθεσαν, | “e dedicaram-lhe o dia chamado de Cronos” (XVII, 3); |

2.º) ao expor as duas teorias, vai indicando cada dia — na ordem, o de Cronos, o de Hélios, o de Selene... o de Afrodite — mas pondo no dativo o nome do planeta-deus, como complemento do particípio *διδους*, “dando”, e evitando a fórmula, como quem não a usa;

3.º) fala em “contar as horas do dia e da noite”, dando a impressão de que a contagem começa pelas do dia e que a noite era a que seguia, diversamente dos quadros do “Cronógrafo do Ano 354”;

4.º) diz que “o costume de consagrar os dias aos sete astros denominados planetas foi estabelecido pelos egípcios” e, naquela ocasião, era recente, “estendia-se a todos os homens” e era, que ele soubesse, totalmente ignorado dos gregos antigos, mas “já estava firmado por toda parte”, e “entre os romanos já se tinha tornado um costume *nacional*”.

(44) O “uso brasileiro” reclamaria a transcrição e tradução completa do texto original, como uma “antologia” do assunto. Mas este é um pouco longo demais, pelo que me vi obrigado a resumir-lo e interpretá-lo.

Tudo isso faz pensar em algo já radicado na massa popular, mas não de vivência culta. Nesse caso a *expressão* de Díon Cássio e as *documentações* populares não contradizem as *omissões* de Censorino e de Macróbio. Ao contrário, aí se ilustram duas vivências diversas: o mundo apenas oral da massa ignara e o mundo culto dos escritores e da classe dominante, como veremos a seguir.

i — Na sua forma grega, a semana astrológica assim se apresenta:

ημερα κρονου,	“dia de Cronos”;
ημερα Ηλιου,	“dia de Hélios”;
ημερα Σελεης,	“dia de Selene”;
ημερα Αρεως,	“dia de Ares”;
ημερα Ερμου,	“dia de Hermes”;
ημερα Διου,	“dia de Zeus”;
ημερα Αφροδιτης,	“dia de Afrodite”.

A forma geral do sintagma é com o genitivo planetário posposto e sem artigo. No levantamento de Thumb, se não contei mal, de 18 exemplos — 14 de inscrições, 4 de escritores, sendo 3 dos passos de Díon Cássio —, 4 têm o genitivo planetário anteposto e 14 o têm posposto; no levantamento de Gundermann, de 12 exemplos — 1 deles de escritor e 11 de inscrições —, 7 têm o genitivo posposto e 5 o têm anteposto; no de Schürer, de 13 exemplos, 11 pospõem o genitivo e só dois o antepõem (45). E o exame individual dos casos de anteposição corrobora a impressão de que eles são excepcionais, sendo a ordem normal “dia” + genit. planetário. Quanto à forma latina do sintagma — antecipemos o resultado —, também a esmagadora maioria das atestações acusa a ordem *dies + genit. planetário*. Basta apenas atentar-se para o levantamento de Bruppacher. De 93 exemplos — 61 de inscrições e 32 de escritores —, as 61 inscrições têm todas o genitivo posposto, e dos 32 de escritores, 22 o pospõem e apenas 10 o antepõem. Mais: de 32 outros, eclesiásticos, com *dies Dominicus* e *dies sabbati* (a fórmula é comparável), 18 pospõem *Dominicus* e 7 pospõem *sabbati* a *dies*, 6 pospõem *dies* a *Dominicus* e apenas 1 a *sabbatorum* (46).

(45) Ver: Thumb, *DNWG*, 1901, p. 171-172; Gundermann, *DNWR*, 1901, p. 179-184; Schürer, *DsWGchK*, 1905, p. 35-39.

(46) O levantamento que fiz em Bruppacher abrange boa parte da sua obra — *DNWIR*, 1948 — mas houve aí uma triagem, e exclusão de três ou quatro exemplos inexatos ou discutíveis.

III — A EXPANSÃO DA SEMANA HEBDOMADÁRIA

1 — As duas semanas, caldeadas no Oriente Médio — ou uma, a judeo-cristã, na Antigüidade Oriental, talvez da época mosaica, a outra, a planetária, nas regiões sul-orientais do Mediterrâneo — vieram para a România.

a — A primeira, pouco antes de se expandir para o Ocidente latino, lançava raízes no mundo camito-semítico e no helenístico da *κοινη*. Mas, antes disso, já ela viera “encaixotada”, para uso interno, nas comunidades da Diáspora (47), na forma judaica, antevista pelos de fora apenas no *shabbath*, conhecido no mundo greco-romano pela forma de falso plural *σαββατα/sabbata*, transliteração do aramaico *shabbetha* (48).

b — A segunda parece ter-se mesmo deslocado do seu lugar de origem, logo após a sua criação, do mundo helenístico — e camito-semítico —, definitiva e exclusivamente para a România (49). Mas aí ela penetrou firme na classe humilde e iletrada e expandiu-se *no e com o* latim, transferiu-se por empréstimo, em latim, ao substrato céltico, continental e insular, e transpôs-se, por decalque, ao mundo germânico — onde se falava a *theodisca lingua* —, ao norte do Danúbio e a leste do Reno, e, talvez, ainda, por empréstimo do nome planetário e decalque do sintagma, ao substrato da faixa oriental do Adriático (50). A presença dela, quase pura, em parte

(47) Da Diáspora no mundo romano já se tem notícia no séc. II A.C. Cf. *Orac. Sybill.* III, 271 (de 140 A.C.); *Val. Max.* I, III, 2 (referência a 139 A.C.); Cic., *Pro Flacco*, 28 (62-61 A.C.). Ver longo art. documentado de E. Schürer, em *Dict. of the Bible* de J. Hastings (Extra-volume, de 1909), pp. 91-109.

(48) Em trabalho inédito, *INTROD.*, 1967, p. 105-117, dediquei um capítulo, sob o título — “O Cartão de Visita Judaico — Um parêntese antissemita” —, ao exame das atestações pré-cristãs de *sabbata* em grego e latim, fora do meio judaico. Sua edição está sendo preparada.

(49) A documentação grega é escassa, é mais tardia, e pertence sobretudo ao mundo greco-romano: Magna Grécia (Sicília e Itália), com poucos exemplos do Egito e de colônias gregas da România. As inscrições gregas dos exemplários de Thumb, Gundermann e Schürer, não chegam a duas dezenas.

(50) No albanês, o “domingo”, a “segunda” e a “quinta-feira” decalcam o *dies Solis*, o *dies Lunae*, o *dies Iouis*, a “terça” e a quarta-feira”, também, mas tomando de empréstimo *Mart* e *Merkur* (Cf. *DaW*, 1901, p. 173). O decalque germânico inverteu, porém, a ordem dos termos, antepondo o determinante; além disso, as três línguas nórdicas apresentam, para o “sábado”, solução diversa. Quanto à superposição cristã, não cabe entrar nela aqui.

do mundo céltico e em certos dialetos germânicos autoriza-nos a supor que, entre o fim do séc. I A.C. e o séc. III A.D., ela se fixou na România e se transpôs para a periferia setentrional.

c — A sua mais antiga atestação conhecida em latim está num dístico do *Corpus Tibullianum* (de entre 30 e 20 A.C.):

*Aut ego sum causatus aues, aut omina dira
Saturniue sacram me tenuisse diem* (51).

É certo que esse passo alude, não ao caráter “nóxi” do *dies Saturni*, mas ao *shabbath* judaico (52). Outras alusões literárias ao *dies Saturni* referem-se na verdade ao *shabbath* (53). A segunda atestação em data da semana planetária é uma inscrição de Pompéia, e essa em grego (pouco antes de 79 A.D.) (54). Mas não deixa de ser singular o fato de a primeira atestação latina da planetária referir-se antes ao *shabbath*, assim como o de a famosa digressão teórica de Dión Cássio ter sido, também ela, inspirada pelo *shabbath* (55). Era bem a advertência de que as duas variedades iriam competir na România e na sua periferia, acabando por amalgamar-se nalgumas regiões.

d — A forma latina decalca a grega, também na ordem *dies + genit. planetário*, como se viu. Mas as formas dos genitivos da 1ª e da 2ª declinações que nela entram — *Lundae*, *Mercurii* e *Saturni* — aparecem freqüentemente com terminação *-is*, por integração dentro dum sistema, na documentação epigráfica popular, e *Mércuris*, como atestam as línguas

(51) “Ou acusei os auspícios ou os cruéis presságios, ou disse que o que me tinha impedido fora o dia sagrado de Saturno” (I, III, 17-18).

(52) Cf. Max. Ponchont — *Tibulle et les auteurs du Corpus Tibullianum*, Soc. d'Ed. “Les Belles Lettres”, p. 24, nota 3 in loco. Notar que Horácio chama *sacram*, e não *noxiam* ou *nefastam*, o *diem Saturni*.

(53) É o caso de *Tác. Hist.*, V, 4, 6, 7, que fala em “*septimus dies*” “em honra a Saturno”, e de Sexto Júlio Frontino (*Strateumata*, II, 1, 17) (entre 81 e 96 A.D.). De *sabbata* as atestações latinas mais antigas são Hor., *Sat.*, I, 9, 69-70 (entre 37 e 33 A.C.) e Ovid., *Rem. Am.*, 219-220 (3 ou 2 A.C.) e *Ars Am.*, I, 411-414 (c. 5 A.D.).

(54) *Notizie degli scavi*, 1879, p. 44, apud *Gundermann*, *op. cit.*, p. 179, Schürer, *op. cit.*, p. 27 n. 1 (cf. Ferrua, *DGDGD*, 1934, p. 137, n. 1).

(55) Verdade é que Plutarco, nas *Quaestiones Coniuales*, IV, 7, ali pelo primeiro quartel do séc. II A.D. (ele morreu depois de 120 A.D.), formula esta pergunta: “Por que não se enumeram os dias homônimos dos planetas na ordem destes, mas em ordem diversa?” Sua pergunta antecedeu de um século a reflexão de Dion Cássio. Mas de Plutarco só nos chegou a pergunta: foi Dion Cássio quem tentou dar a resposta.

românicas (56), com o acento na antepenúltima (57). Esses traços populares bem mostram qual o nível do meio em que a semana planetária se fixou: foram as formas mais populares que vingaram. Apesar disso, aqui transcrevo as duas formas:

Forma Normal

dies Saturni
dies Solis
dies Lunae
dies Martis
dies Mercurii
dies Iouis
dies Veneris

Forma Popular

dies Saturnis
dies Solis
dies Lunis
dies Martis
dies Mércuris
dies Iouis
dies Veneris

Acrescente-se que, na Sardenha, na Itália setentrional, na Récia e na Dalmácia, para o *dies Iouis* surgiu uma forma adjetiva sem *dies*, mas concordando com *dies* feminino, *iouia*, de que, além das atestações românicas, temos uma só atestação latina, relativamente tardia no *Oribasius Latinus* (58).

e — A semana judaica ficou olhada de fora, e o *shabbath*, alvo da incompreensão e do anedotário no meio romano. Veio, então, ela mesma, depois, na segunda metade do séc. I A.D., numa onda conquistadora, sob a forma judeo-cristã, em grego, no mundo helenístico, e, um século depois, no fim do séc. II A.D., em latim. A semana eclesiástica greco-latina — a grega tinha sido o modelo da latina — apresentou, em dois momentos diversos, mas que em parte se superpuseram, duas variedades, na mesma linha da rabínica: uma variante A, e outra variante B.

f — Eis as duas variantes da eclesiástica grega:

Variante A

— O “primeiro dia da semana” passou a chamar-se *κυριακη ημερα* (cf. Ap, 1, 10);

(56) Cf. p. ex., esp. *miércoles*, fr. *mercredi*, it. *mercoledì*, rom. *miércuri*.

(57) Ou por analogia com *Veneris*, ou pelo fato de todos os demais, menos *Saturni*, terem o acento na sílaba inicial.

(58) *Synopsis* IX, 61, apud Rohlf, *Sermo Vulgaris Latinus*, Halle/Saale, Max Niemeyer, 1951, p. 37 (também em Bruppacher, *DNWIR*, 1948, p. 28).

- Os seguintes, do “segundo” ao “quinto”, continuaram a ser designados pelo sintagma da época helenística, e o “sexto” e o “sétimo”, pelos seus nomes daquela época: *παρασκευη* e *σαββατον* (este com as variantes *σαββατα* e **σαββατα*).

Variante B

O sintagma *ordinal* + (*του*) *σαββατου* haveria de parecer estranho ao povo pelo fato de *σαββατον* entrar no mesmo conjunto com dois valores diversos: o de “sétimo dia” e o de “semana”. Daí a simplificação na mesma linha da rabínica atrás exposta:

— O “primeiro dia”, o “sexto” e o “sétimo” mantiveram os seus nomes como na variante A, cada um expresso por uma só palavra: assim, o “domingo” passou a ser apenas *κυριακη*;

— Os demais dias, do “segundo” ao “quinto”, passaram a ser designados apenas pelo ordinal.

g — Como se vê, passa-se da “descrição” à “denominação” dos dias: cada designação se reduz a um só termo. É essa variante que se prolonga na época bizantina e chega à Grécia atual. Eis como se apresenta a semana helênica, na variante B, com artigo facultativo:

η κυριακη
η δευτερα
η τριτη
η τεταρτη (ου τετρας)
η πεμπτη
η παρασκευη
το σαββατον (59).

2 — A semana eclesiástica latina, no seu início, decalca a grega, na variante A, tanto no nome do “primeiro dia”, e no do “sábado” como nos do “segundo” ao “quinto” — o sintagma

(59) A neo-helênica difere dessa, na pronúncia, em não ter variante para “quarta-feira” e em *σαββατο* não ter *-ν* final.

de *ordinal* (no fem.) + *sabbati* (60). Para o “sexto dia”, o uso de *parasceue* é raro e se restringe à Sexta-Feira da Páscoa. Essa é também a sua variante A. Seu esquema é o seguinte:

- | | | |
|-------|---|---|
| 1.º — | { | <i>Dominicus, Dominica</i>
<i>dies Dominicus, dies Dominica</i>
(raro: <i>prima sabbati</i>) |
| 2.º — | | <i>secunda sabbati</i> |
| 3.º — | | <i>tertia sabbati</i> |
| 4.º — | | <i>quarta sabbati</i> |
| 5.º — | | <i>quinta sabbati</i> |
| 6.º — | | <i>sexta sabbati</i> |
| 7.º — | { | <i>sabbatum</i>
<i>dies sabbati, dies sabbatum</i> |

a — Essa é a ordem comum dos termos, havendo variações ocasionais apenas quanto à posição de *dies* na designação do “primeiro” e do “sétimo”, mas, como atrás se viu, o normal é a anteposição. Evidentemente, o sintagma que designa os dias do “segundo” ao “sexto” seria sempre insólito para a massa cristã de fala latina. A oposição de gênero *Dominicus* / *Dominica* resulta da hesitação do gênero de *dies*, e a preferência pelo feminino coincide com a região oriental e setentrional da România. As ocorrências do sintagma com *sabbati*, que é o que a distingue da variante B, começam com Tertuliano e com as primeiras versões latinas da Bíblia (61) e ainda ocorrem em escritores tardios do séc. VII.

b — A variante B representa uma solução mais popular, que evita o sintagma de decalque servil do aramaico, não pelo recurso ao simples ordinal, como o rabínico, de retorno ao da “Semana Criativa”, ou da grega, mas fazendo uso de outro sintagma constituído de *feria*, no singular, com o sentido de “dia da semana”, modificado pelo *ordinal*, naturalmente no feminino. É esse sintagma que caracteriza a variante, pois os nomes do “domingo” e do “sábado” continuam:

(60) O uso de *prima sabbati*, ou, mais raro, *una sabbati*, para o “domingo”, e o do plural *sabbatorum*, é residual e exegético.

(61) *Vetus Latina* (c. de 180 A.D.), Tertuliano (197-222 A.D.). Esta vista geral dispensa e desaconselha documentação mais precisa.

- 1.º — { *Dominicus, Dominica*
dies Dominicus, dies Dominica
prima feria (62)
- 2.º — *secunda feria*
- 3.º — *tertia feria*
- 4.º — *quarta feria*
- 5.º — *quinta feria*
- 6.º — *sexta feria*
sabbatum
- 7.º — { *dies sabbati, dies sabbatum*
septima feria (63)

c — A mais antiga ocorrência de *ordinal* + *feria* acha-se em Tert., *De Ieiunio*, 2: *quartae et sextae feriae*, “(os dias) de quarta e sexta feira” (início do séc. III). Depois, o sintagma é ilustrado especialmente, mas não exclusivamente, por escritores africanos e ibéricos: O *Ambrosiaster*, e Etéria na *Peregrinatio* (séc. IV); Santo Agostinho (sécs. IV e V); João Cassiano, Leão Magno (séc. V); São Bento, São Cesário de Arles, São Martinho de Braga (séc. VI); Santo Isidoro (sécs. VI e VII); o Venerável Beda (sécs. VII e VIII) (64). Dois passos agostinianos — Ep. 36 (*ad Casulanum*), 13, e Ep. 54 (*ad inquisitiones Ianuarii*), V, 6 — parecem deixar claro que *quarta feria* e *quinta feria* são formas populares, por oposição às cultas *quarta sabbati* e *quinta sabbati* (65). São Jerônimo, que usa estas últimas, silencia-se completamente sobre as outras: nem uma só vez usa *ordinal* + *feria*!

3 — Fechemos a longa digressão, que, por antecipação, estabelece, em largas penadas, as estruturas da semana eclesiástica grega e latina, e vejamos qual foi a sua sorte atrás da planetária. Esta, como vimos, deve ter entrado na camada

- (62) *Prima feria* e *septima feria* documentam-se um número razoável de vezes, e, até em textos tardios, mas não são as formas que se tornaram “denominações” dos dias correspondentes, como se vê da expansão de *Dominicus* e *sabbatum*, nas línguas românicas e noutras línguas europeias. Mas são de especial interesse para se determinar o sentido assumido por *feria* (= “dia da semana”). A explicação de como se deu a alteração semântica ainda se procura.
- (63) A ordem *Feria I, Feria II*, sobretudo expressa com algarismos romanos, é freqüente, mais não é a que se estereotipou.
- (64) Escapa ao plano deste apanhado documentá-lo aqui com precisão: em *INTROD.*, 1967, Parte II, cap. VII, §§ 4-8, p. 144-156, examinei esses autores e suas atestações.
- (65) *INTROD.*, 1967, p. 146-149.

popular do séc. I A.C. ao séc. III ou IV A.D. A eclesiástica grega entrou na Grécia no séc. I A.D., mas aí não encontrou concorrente. A latina entrou na România no séc. II A.D., também no meio popular e, logo depois, no seio da classe dirigente, e aí encontrou resistência.

a — Aí encontrou ela arraigada a semana planetária. Nos nomes dos planetas viam os pregadores cristãos nomes de deuses e seus caracteres. Na massa popular, em várias regiões da România, vicejava o culto do *Sol Inuictus* e o de Júpiter Doliqueno. O *dies Iouis* era o dia propício para início. A reação contra as designações planetárias, iniciada por Tertuliano se manifesta em vários momentos e regiões (66).

b — Mas só o *sabbatum* e o *Dominicus* se generalizam na România. No mundo céltico do bloco britônico — cimbriaco ou galês, corno, bretão — permaneceu intacta a semana planetária (67). No do bloco goidélico — irlandês, gaélico e manês — entrou o *dies Dominicus*, por empréstimo, e a “quarta”, a “quinta” e a “sexta-feira”, como “dia do 1.º jejum”, “dia de entrejejum” e “dia do último jejum”, mas o “sábado” continuou — *dies Saturni* (68). É que na Irlanda, na Escócia, e na Ilha de Man, com a obra de São Patrício e de Paládio (séc. V) e de São Colombano (séc. VI), os dias de interesse eclesiástico se superpuseram à semana planetária, amalgamando-se as duas (69).

c — A semana basca, meio enigmática, designa a “segunda”, a “terça” e a “quarta-feira”, a seu modo, como um subsistema; a “quinta”, a “sexta” e o “sábado” parecem ecos vernáculos da planetária: o “domingo”, *igande*, é enigmático. Apenas o dialeto biscainho acusa superposição cristã: *domeka*, “domingo”, e *zapatu*, “sábado” (70).

d — As semanas albanesa e germânica não parecem apresentar ecos da eclesiástica latina. Ambas receberam da România a planetária, como atrás se viu: a germânica em destaque, com exceção parcial do *dies Saturni*, que tomou *Saturni* de empréstimo, mas todos com inversão da ordem dos

(66) Transcrevi, traduzi e discuti os principais textos dessa reação em *A Problematologia* etc., 1968, cap. II, “Os Flagrantes da Luta”, p. 46-107.

(67) Cf. Thurneysen, *DNWKD*, 1901, p. 186-188.

(68) Cf. Thurneysen, *ibid.*, 189-190.

(69) Cf. Pierre de Labriolle, in *Histoire de l'Eglise*, Bloud et Gay, 1948 (Dir. de A. Fliche e V. Martin), vol. 4, p. 398 e s.

(70) Para o basco, ver: Tagliavini, *StPPCr*, 1963, p. 489-492; Gorostiaga, *LSV*, 1947, p. 51-56.

termos; a albanesa também, em parte por empréstimo, e sempre por decalque (71). Mas, numa e noutra, a superposição cristã parece ter vindo da eclesiástica grega. Retornemos, pois, à semana grega.

4 — A semana eclesiástica grega é, aparentemente, a que teve menor sorte: apenas se continua na neo-helênica, a única herança da κοινή, e que ficou praticamente confinada à Grécia atual. Esse encurtamento é, porém, aparente: não coincide com o do neo-helênico, pois, além do fato de que a latina quase em tudo a decalca, ela veio a criar um foco inovador balcânico, nos confins da România Oriental, donde se irradiou, renovada, para todo o Oriente europeu e navegou “Danúbio-acima e Reno-abaixo”, deixando traços da sua passagem na Germânia sul-ocidental e, até, na longa faixa da România banhada por esses dois grandes rios.

a — Ali pela segunda metade do séc. IV ela se deve ter superposto, ou em empréstimo ou em decalque germânico e latino, à semana planetária germânica dos godos, na *Moesia Inferior*, onde estabeleceu Úlfilas o seu episcopado ariano. As principais inovações parecem ter sido as seguintes:

1.º) O σαββατα parece ter-se disseminado nessa forma nasalada e plural neutra, ou feminina, oriunda duma pronúncia “subterrânea”, mas de que há resíduos atestados por dialetos que se estendem numa vasta região. Estariam nesse caso: a) as atestações etiópicas, persas e turcas, que resultariam de fonte aramaica ou judeo-cristã (72); b) as atestações romena, albanesa (talvez), friulana, rética, alemã e francesa, que resultariam das missões arianas (73); c) as atestações búlgara, eslovena antiga (em parte), sérvio-croata, húngara, polábia (ant.) e russa, que resultariam da evange-

(71) Ver atrás, nota 50.

(72) No etiópico, o “domingo” é *sambata krestyan*, “sábado dos cristãos”, ou *sambata ehud*, “sábado um (= primeiro)”, e o “sábado” é *sambata aihua* “sábado dos judeus”, ou *qadamit sambat*, “sábado mais antigo” (cf. Nöldeke, *DNWS*, 1901, p. 163). No persa, os cinco primeiros dias contêm *-shamba*, “da semana” (*yakshamba*, *doshamba*, *shishshamba*, *tshaharshamba*, *pandshamba*, “um da semana”, “dois da semana”, etc.), (cf. Nöldeke, *op. cit.*, p. 163). No turco, certamente tomadas ao persa, apenas a “quarta” e a “quinta-feira” contêm *-shamba*: *çarshamba*, *pershembe* (informações de formas devidas ao Rev. Aharon Sapsezian e comparadas com as do *Lyal's Guide*, 1951, p. 271). Todos com “sábado” nasalado. Ver também *REW*, 7479 e Skok, *LSSL*, 1925, p. 19.

(73) Al. *Samstag* (<**Sambatistag*), fr. *samedi* (<**sambati+di*) rom. *simbata*, eng. *sanda*, *sonda* (as formas eslavas são aquelas em que a 1.ª sílaba tem vogal *u*, ou outra que não *o* ou *a*).

lização dos eslavos por Cirilo e Metódio, mas dependeriam ou seriam eco desse centro cultural ariano do séc. IV (74).

2.^a) A “quarta-feira” passou a ser designada por duas fórmulas sinônimas, que eu aqui suponho em grego e latim, por ser a *Moesia Inferior* do séc. IV a região onde Úfilas se instalou, entre *Sistov* e *Tirnovo* na atual Bulgária, o limite entre a România e o mundo grego: **καρδια + εβδομαδος*, *cor hebdomadis*, ou **μεση εβδομας*, *media hebdomas*. Essas fórmulas explicam as formas eslavas (e húngara), assim como as germânicas e românicas, e algumas bálticas, da “quarta-feira” (75).

b — A documentação grega inexistente, e da latina parece que só se conhece um passo de São Jerônimo (76), ao introduzir a discussão do Sl 93, e que me parece merecer registro aqui:

Semper de titulo disputamus, ut ex titulo intellegatur et psalmus. Psalmus Daudid quarta sabbati. Quarta sabbati in medio sabbati est: quasi in corde sabbati, hoc est, in medio hebdomadis. Dies enim quarta est, et quarta dies ex utroque latere aequales dies habet. Habet enim ex uno latere diem primum, secundum, tertium: et ex alio latere habet diem quintum, sextum, septimum. Videtis igitur quoniam dies quarta, hoc est, quarta sabbati, ex utroque latere duplici trinitate firmatur. (Tract. in Psalmos, XCIII, v. 1) (76).

Discutimos sempre o título, para, a partir do título, entender-se o salmo. *Salmo de Davi*, “quarto (dia) da semana”. O “quarto (dia) da semana” fica no “meio da semana”: está, por assim dizer, no “coração da semana”, isto é, no meio da semana. É o quarto dia, e o quarto dia tem número igual de dias de um lado e de outro. Tem de um lado o primeiro, o segundo e o terceiro dia, e do outro lado o quinto, o sexto e o sétimo. Vedes, pois, que o quarto dia, a *quarta sabbati*, é protegido por uma dupla trindade de um e outro lado”.

(74) Tais hipóteses me parecem necessárias porque essa ampla região, além de *sambata*, apresenta, como se verá logo a seguir, outra inovação solidária: a designação da “quarta-feira” como “coração” ou “meio da semana”.

(75) Citem-se o finlandês (*keskivikko* (cf. Rohlfs, *NJSLR*, 1949, p. 93, n. 10) o prússio *possissawaite*, o lituano *pussewaite* (cf. *Miklosich*, *ChTslSp*, 1876, p. 20).

(76) Devo a indicação dessa passagem a D. João Mehlmann, que em 14/6/1967, ao examinar meu trabalho *INTROD.*, 1967, me deu notícia dela. Note-se que S. Jerônimo, natural de *Strido* na Dalmácia, e do séc. IV, é da época e da região da fórmula. Rohlfs, pelo passo citado acima, parece não conhecer esse precioso texto. Entzmayer supôs a fórmula de origem gótica: **midjis sabbata*. Bruppacher (cf. *DNWIR*, 1948, p. 131, n. 4 e p. 132) contesta, dizendo que não há no got. *sabbato* = “semana”. Mas há: *fasta twaim sintham sabbatans*, “jejum duas vezes na semana” (Lc, 18, 12).

c — Esse texto “mata dois coelhos com uma só cajadada”, pois atesta *cor sabbati*, donde *cor*, apenas, explica as formas eslavas, e *medium sabbati*, *medium hebdomadis*, donde se poderia extrair a variante *media hebdomas*, da qual vieram, por decalque, as formas germânicas arcaicas e *Mittwoch* (e o ingl. dos quacres *midweek*) e as românicas: velh. *mis-sedma*, ret. (Alpes dolomíticos) *misedma*, eng. *mezemda* ou *mietsevna*, sobress. *mesjamna*, tosc. *mezzedima*, *mezezima* e *mezelima* (77).

d — Os dicionários gregos apenas registram os sentidos de “centro”, “meio” para *καρδια* e os latinos de Lewis-Short e Forcellini os ignoram para *cor*. O de A. Blaise (78) os registra com suficiente destaque. Mas os dicionários de hebraico começam por esses sentidos os verbetes *lebh* e *lebhahb*, que significam também “coração”. É o caso de Gesenius, que define esses dois termos como *inner man*, *mind*, *will*, *heart* (79). É por isso que “coração do mar”, “coração da terra”, tem certa frequência bíblica. Eis as passagens fundamentais: Ex, 15, 8, *belebh-yam*, *in medio maris* (LXX, εν μεσω); Sl, 46, 3 *belebh yamim*, *in corde maris*; Pr, 23, 34, *belebh yam*, *in medio mari*; 30, 19, *idem* (LXX: trad. livre); Ez, 27, 4, *belebh yamim*, *in corde maris*, 27, 25, *idem*, *idem*; 27, 26, *idem*, *idem*; 27, 27, *idem*, *idem*; 28, 2, *idem*, *idem*; 28, 8, *idem*, *idem*; Jn, 2, 4, *idem*, *idem*. Todos esses passos, com “mar”, apenas no 1.º e no 5.º deles a LXX traduz *belebh* de modo diverso e em três deles — o 1.º, o 3.º e o 4.º — a *Vulgata* usa *in medio*. No *Novo Testamento* há o célebre passo de Mt, 12, 40: *στυος εσται ο υιος του ανθρωπου εν τη καρδια της γης* (...), *sic erit Filius hominis in corde terrae* (...) partindo do decalque grego (80). Assim, os dois novos nomes da “quar-

(77) Para essas, ver: REW 4090; Skok, *LSSI*, 1925, p. 14-15; Rohlf, *art. cit.*, p. 92-93; Bruppacher, *op. cit.*, p. 116-117, 128, 131-132, e carta nº 5, p. (129); Tagliavini, *op. cit.* (na 70) p. 98-99 e 488; Kluge-Mitzka, *Etym. Wört. der deutsche Sprache* (17.ª ed.), s.v. *Mittwoch*.

(78) Os latinos de Lewis-Short e Forcellini o ignoram totalmente; o de Blaise, *Dict. lat.-fr. des auteurs chrétiens*, Strasbourg, 1954, registra, com destaque, sentido e exemplos. O grego, de Liddell and Scott, só dá o passo de Ez, 27, 4. O de Bailly faz o mesmo, acrescentando indicação de dois exs. clássicos aproximados — Arist., *Probl.*, 16,8 e Teofrasto, *Hist. das Plantas*, 1, 2, 6 —, que não pude verificar.

(79) Refiro-me ao da Oxford de 1952, citado na nota 11; o de Josiah W. Gibbs, de 1832, compilado dos de Gesenius, põe *heart* como primeiro sentido; igualmente, o de Zorell.

(80) Infelizmente, nos restos góticos da versão de Úlfilas faltam os passos todos, inclusive o de Mt, 12,40. Teria sido interessante tê-los e consultá-los no caso.

ta-feira” — o eslavo e o germano-românico — são, ao que parece, um deles, decalque, o outro tradução de uma só expressão hebraica.

e — No séc. IV, portanto, pelo caminho das missões góticas, espalharam-se inovações na România e na Germânia, e no séc. VII e VIII, partindo da mesma vivência balcânica, a semana grega, com variantes vernáculas e por decalque, foi introduzida entre os invasores eslavos. A consulta a um mapa da Europa mostra que *sreda* e *media hebdomas*, e *sambata* são solidários.

IV — CENTROS DE IRRADIAÇÃO

1 — Tal como ficou esboçada a história da semana hebdomadária, é lícito ver na sua irradiação uma série de centros de onde procedem ondas, algumas delas prolongando-se em cadeia. A variedade astrológica tem história bem mais simples e mais limitada que a judeo-cristã.

a — A semana planetária, se surgiu no Egito, de lá se deslocou definitivamente, estabelecendo-se na Itália, donde se irradiou por toda a România e dela se comunicou por empréstimo e/ou decalque a quatro regiões de substratos e/ou adstratos da România Antiga:

- 1) à *Macedônia*, orla oriental, de que é atestação o albanês;
- 2) à *Germânia*, extensa e ampla orla setentrional, distribuindo-se em todo esse domínio;
- 3) à *Céltica*, orla ocidental, ou antes, parte ocidental da România, durante o período bilingüe, que foi depois assimilada parcialmente;
- 4) à *Vascônia*, insula lingüística pré-latina montanhosa, por tradução, ou expressão vernácula, do conteúdo da fórmula de três dos dias.

Dessas quatro regiões, enumeradas segundo o movimento retrógrado, a primeira e a terceira são excelentes testemunhos do estado latino, por apresentarem elementos residuais, a quarta não diz muito nem é muito certa, e a segunda, conforme a índole germânica, inverteu a ordem dos termos, ao decalcar as fórmulas latinas.

b — A semana judeo-cristã tem história um pouco mais complicada: como um galho de árvore, ela se foi subdividindo, à medida que avançava. Cada nódulo é um centro de divulgação. Os principais são os que adiante se enumeram:

1.º) *Centro judaico* — É o inicial, já descrito. Dele procede a semana dos cristãos de fala aramaica, a etiópica, a armênia, a persa, a árabe (islâmica), a eclesiástica greco-latina, e, naturalmente, a neo-hebraica. Algumas destas, por sua vez, se tornaram centros de irradiação.

— A dos cristãos de fala aramaica, que ignora a inovação cristã do “primeiro dia”, foi já exposta (81).

— A etiópica não ignora a inovação cristã, mas parece tê-la realizado como inovação vernácula. Também já foi em parte descrita, a propósito do *shabbath* nasalado, para o “primeiro” e o “sétimo dia” (82); os do meio, do “segundo” ao “quinto”, exprimem-se pelo ordinal apenas, e o “sexto” é *arb*, “véspera” (cf. hebr. *'erebh*).

— A armênia exprime os dias, do “segundo” ao “quarto”, pelo cardinal armênio + *shapti*, “da semana” (é o sintagma aramaico decalcado, com empréstimo do último elemento): o “sexto” é *urpat*, “véspera” (empréstimo aramaico de *arubhatt*), o “sétimo” é *shapát*, “sábado” (empréstimo aramaico com *or*, “dia”, posposto); o “domingo” é *guiriagui* (arc. *kiriaki*) *κυριακη*, cuja pronúncia denuncia empréstimo ao grego. É, pois, a aramaica com cardinal e a inovação cristã tardia, de procedência grega (83).

— A persa justapõe ao *cardinal*, nos cinco primeiros dias, o adnominal *shambá* — que é o *shabbath* nasalado, com sentido de “semana” —; o “sexto dia” é *adhina*, “lei”, “religião”, e o sétimo é *shambá*, “sábado”. *Adhina*, para a “sexta-feira”, é a inovação islâmica (84).

2.º) *Centro islâmico* — O centro árabe apenas expande a semana no mundo islâmico, pela expansão da língua árabe, com apenas duas inovações: os cinco primeiros dias

(81) Cf. acima. II, 3, f, e nota 31.

(82) Cf. acima, nota 72.

(83) Informações fornecidas pelo Rev. Aharon Sapiezian e pelo Prof. Yessal O. Kerouzian, regente do curso de armênio da FFLCH da USP, aos quais agradeço. Para o turco, ver também *Lyal's Guide*, 1951, p. 270-271.

(84) Cf. Nöldeke, *DNWS*, 1901, p. 163; Tagliavini, *SPPC*, 1963, p. 109, fim do § 19. Como se vê, apesar de *adhina*, a semana persa é antes empréstimo aramaico.

são designados pelo sintagma *yom* (ou *nahar*), “dia”, + *al* (artigo) + o cardinal — *yom* (ou *nahar*) + *alahad*, “dia, o um” (literalmente), etc. —, o “sexto” por *yom* (ou *nahar*) + *aljuma’a* “dia, o (da) reunião religiosa”, e o sábado” por *yom* (ou *nahar*) *assabt*, “dia, o sábado”. Aí está a explicação do persa *adhina*: é outra a imagem, mas sempre a religião islâmica (85). É *juma’a* também o “sexto dia” (aliás, o último) da semana turca, na qual, porém, não entrarei agora.

3.º) *Centro Cristão* — Este, no Oriente, como no mundo ocidental greco-latino, correu parilha com a Diáspora. Por isso, no domínio semita não inovou quase. No greco-romano, como atrás se viu, além da inovação do nome do “domingo” — *κυριακη ημερα*, *dies Dominicus*, e variantes — seguiu impulsos e caminhos comuns ao judaísmo. As fórmulas já ficaram expostas.

b — A semana eclesiástica grega é também a que ficou acima exposta. Foi ela que, por decalque e empréstimo, para todos os dias, e, para o “sábado”, apenas por empréstimo, deu a latina. No séc. IV, no centro balcânico, surgiram impulsos e inovações que subiram o Danúbio e desceram o Reno, fixando-se em vários pontos marginais. Mas na România encontraram a semana astrológica arraigada e a réplica latina da eclesiástica grega em processo final de amalgamação. Aí, o *sabbatum* local terá recebido o impulso nasalizante e a forma feminina, esta estimulada pelo uso feminino dos contactos com *ημερα* —, sem hesitação, ao contrário de *dies* —, *Dominicus* e *dies Dominicus* terá recebido o sopro “femininizante”. Assim, alta Itália, Récia e Gália setentrional recebem algumas dessas inovações. Uma das fórmulas reveladas pelo texto de São Jerônimo acima citado fixa-se como *media hebdomas*. Creio que assim se explicam os fatos dessa faixa.

c — Na orla germânica desse caminho fluvial, encontra a onda balcânica a semana planetária pura, decalcada da latina; implanta-se *sambata* e decalca-se em germânico *media hebdomas*. Ao mundo eslavo, dois ou três séculos mais tarde aberto ao impulso da evangelização, vai a semana grega na forma balcânica e, não encontrando ali a planetária, não se amalgama. Não me parece necessário entrar em pormenores da semana eslava e húngara. Lembre-se apenas que os nomes

(85) E *yom aljuma’a* é também como dizem árabes cristãos. Para todas as fórmulas, ver: Nöldeke, *DNWS*, 1901, p. 162-163; *Lyall's Guide*, 1951, p. 271. Pode-se também suprimir *yom* ou *nahar*.

do “domingo”, da “quarta-feira” e do “sábado” trazem as marcas balcânicas: *nedelia*, “feriado” (cf. *feriae nundinae* = *dies Solis* da inscrição da Panônia), *sreda*, “coração”, e *sambata* (86).

d — Vemos aí como são solidários o mundo eslavo, o germânico meridional e ocidental, o românico circunvizinho e o texto de São Jerônimo — o dalmático. Se agora atentarmos para o fato de que os turcos entraram para a História com o seu contacto com os persas no séc. VII e a sua conversão ao islamismo e que, três séculos mais tarde, vieram para o Ocidente e “reencontraram” os húngaros, irmãos de língua, entenderemos a colcha-de-retalhos que é a semana turca:

- Domingo — *Pazar gunu*, “dia da feira” (cf. húng. *vasarnap*, “dia da feira”, e eslavo *nedelia*, “(dia do) feriado”, ou “não trabalho”);
- Segunda — *Pazar ertesi*, “depois da feira” (cf. eslavo, búlgaro, p. ex., *ponedelik*, “depois do feriado”);
- Terça — *Sali*, “terceiro” (cf. etiópico *salus*, hebr. *shelishi*, “terceiro”);
- Quarta — *çarshambá*, “quarto da semana” (cf. persa *tshaharshambá*, “quarto da semana” (empréstimo e decalque do aramaico));
- Quinta — *Pershembe*, “quinto da semana” (cf. persa *pandshambá*) (empréstimo e decalque do aramaico);
- Sexta — *Cumá* (pron. *jumá*), “reunião” (cf. árabe *juma'a*, “reunião”);
- Sábado — *Cumá ertesi*, “depois (do dia) da reunião” (cf. idêntico processo relativo na expressão da “segunda feira” nas línguas eslavas).

Essa colcha-de-retalhos marca a caminhada dos turânios turcos, passando pela Pérsia, “indo-europeizando-se” (*çar*, *per*), “aramaizando-se” (*sali*, *shambá*), “islamizando-se” (*cumá*), “balcanizando-se” e “magiarizando-se” (*pazar gunu*) (87) e “eslavizando-se” (*pazar ertesi*, *cumá ertesi*) (88).

(86) Para as línguas eslavas ver: Miklosich, *DChTslSp*, 1876, p. 19-21; Skok, *LSSI*, 1925, p. 14-21; *Lyall's Guide*, 1951, p. 142-143.

(87) Cf. o nosso *bazar*, “mercado” (= “feira”), recebido através da Índia (cf. J.P. Machado, *DELPA*, 2ª ed., s.v.).

(88) Cf. nota 81. Ver *Lyall's Guide*, 1951, p. 270-271. Escuso-me de entrar nesses domínios e com essa linguagem, mas parece-me que não há aí imaginação demais: no que toca à semana, todos os fatos são solidários e o quadrado mágico se vai decifrando e recompondo.

2 — A semana aramaica, no Oriente, não se amalgamou, mas sofreu enxertos ou substituições culturais. A eclesiástica grega, no mundo da *κοινη*, não se amalgamou porque não encontrou o terreno ocupado; nos Balcãs e no mundo eslavo, ela sofreu inovações resultantes de heranças orientais, aramaicas, talvez: nasalação do *sabbatum* e forma feminina *sambata*, e desenvolvimentos resultantes da base semântica inicial de *lebhabh* e *lebh*, “coração”, “meio”, ecoados em *καρδια*, bem como do sentido “sabático” (= repouso) do “domingo”.

a — Mas as ondas missionárias, godas, encontrando a planetária na forma germânica, provocaram nalguns dialetos o amálgama em nome de dias que tinham sentido religioso: a “quarta-feira” e o “sábado”. Na Macedônia seria na “sexta-feira” e no “sábado”.

b — A eclesiástica latina bem cedo impôs o *sabbatum*, cujo caminho teria sido pelo menos preparado pela Diáspora e cuja presença é insinuante nos textos bíblicos. O *dies Dominicus* e variantes — com ou sem *dies*, no masculino ou no feminino — penetrou, depois de enfrentar luta árdua com o *die Solis*, por causa do culto do *Sol Inuictus*. As designações da “quarta” e da “sexta-feira” na România abriram cunhas, certamente porque, sendo dias de jejum, a designação eclesiástica tinha entre o povo vivência especial.

c — No mundo céltico a sorte foi bipartida: a semana cimbérica — a cimbérica antiga, a bretã e a galesa — ficou planetária pura (89); a semana goidélica — a escocesa (gaélica), a irlandesa e a manesa — amalgamou-se: sobre a planetária, a cristã, nos sécs. V e VI, superpôs o *dies Dominicus* e os nomes ligados ao jejum para a “quarta” e a “sexta”, e a “quinta”, “ensanduichada” entre as duas. O *sabbatum*, ali e àquela altura, não tinha nenhum sentido para desarraigar o *dies Saturni*, que ficou firme (90).

d — Outros fatos há, e muitos, que poderiam ainda espichar essas considerações, como a colaboração da semana eclesiástica na Dácia, na Dalmácia, na Itália, na Sardenha, na Gália Meridional e na Ibéria — excluído Portugal — para a supressão de *dies* da fórmula, assim como a colaboração do frâncico teodisco para a inversão da ordem de *dies* no frân-

(89) Cf. Thurneysen, *DNWKD*, 1901, p. 186-187.

(90) *Idem*, *ibidem*, p. 189.

cico românico. Mas não entrarei aqui e agora nesse empolgante assunto.

e — Da reacção eclesiástica contra as designações planetárias, algumas delas já sem muita convicção de êxito, como a de Santo Agostinho e a de Santo Isidoro, que o repete, não houve muita consequência. Só a de S. Martinho de Braga, confinada a uma diocese ou a um bloco de dioceses do noroeste ibérico, pouco abaixo da Galiza, e auxiliada pela Reconquista, que foi varrendo os mouros para a África e ocupando e repovoando o centro e o Sul da estreita faixa ocidental da Ibéria, que é Portugal, é que conseguiu produzir fruto. Assim se implantou ali, no fim da época latina e nos inícios da românica, a semana eclesiástica, fórmula B, sem exceções e sem polimorfismos.

3 — Ajuntemos ainda esta breve secção, de breves alíneas e revisão global, embora, pela sua natureza e intenção, sumarie matéria atrás exposta. À guisa de fecho, levanta problemas de antropologia cultural e de lingüística. Os fatos europeus e do Oriente Médio são mais ou menos claros. Para os novos, que desabrocharam com o alargamento do mundo depois do séc. XVI, cabe a antropólogos, a orientalistas, a missionários, a busca das soluções.

a — O panorama geral no Oriente médio e na Europa, depois das lutas, é este:

— semana oriental: — só judaica ou judeo-cristã, com ligeiras superposições islâmicas;

— semana helênica judeo-cristã: — eclesiástica pura, na Grécia, e, com inovações cristãs, por elaboração de ingredientes judaicos, no mundo eslavo e húngaro;

— semana portuguesa: — eclesiástica latina pura;

— semana românica: — amalgamada no resto do mundo românico, na faixa dos limites da România e da Alemanha e no céltico goidélico, que também é limite entre a România e a Alemanha;

— semana românica e grega: — amalgamadas, no albanês; a românica, planetária, e a grega, eclesiástica;

— semana românica: — planetária pura no mundo céltico cimbriaco e, parcialmente, no germânico.

b — E a semana saiu da Europa no séc. XV, levada pelo movimento colonizador e pelos missionários católicos. No séc. XVII, saiu também com as missões protestantes. Veio para a América e foi para a África, a Ásia, a Antártida e a Oceania. Saiu amalgamada em espanhol, em francês, em inglês e em holandês, e, na linha eclesiástica pura, em português.

c — O que então aconteceu escapa à minha informação. Mas nem tudo. Onde essas línguas se implantaram, implantou-se com elas a semana. Onde não se implantaram, é preciso examinar como reagiram as falas ou línguas locais: empréstimos, decalques, criações vernáculas. O levantamento de todas as denominações dos dias, nas variedades que aqui vimos, e o seu exame do ponto de vista estrutural não seria desinteressante, mas não cabe fazê-lo agora. Agora só me cabe concluir.

CONCLUSÃO

Podemos — aliás, devemos — concluir este estudo, lembrando que a semana dos povos civilizados é um precioso legado semítico, e, como tal, teve por veículos especiais — salvo o ramo popular, que usou apenas o grego e o latim, ou quase só o latim — as três línguas da inscrição de Pilatos:

Et erat scriptum hebraice, graece et latine (...)
(Jo, 19, 20) (91).

A caminhada lado a lado, ou antes, a superposição das duas — da eclesiástica, mais culta, sobre a astrológica, a popular — é o símbolo das duas correntes que iriam somar o legado latino na România: a astrológica espalhou-se com a latinização e a eclesiástica veio com um fator mais tardio, mas que consolidou a latinização, conservou a cultura clássica através da Idade Média e foi um dos mais eficientes canais da influência culta e da unidade da România. Foi nessa vivência que surgiram os primeiros textos das línguas românicas.

Nessas duas linhas paralelas e no exame desses dois veios, operaram os trabalhos fundamentais do Prof. Theodoro Hen-

(91) Nas citações bíblicas adotaram-se as abreviaturas que serão usadas na *Bíblia de Jerusalém*, edição brasileira, que está sendo preparada pelas Edições Paulinas: as duas primeiras consoantes, se o nome do livro começa por consoante; a vogal e a consoante seguinte, se começa por vogal; a consoante e a vogal seguinte, se não tem mais que uma consoante.

rique Maurer Jr. sobre o legado latino na Romanística: 1) herança latina — *O Problema do Latim Vulgar e Gramática do Latim Vulgar*; 2) influência culta — *A Unidade da Romância Ocidental*. Este estudo lexicológico é, assim, agradecimento e homenagem simbólica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1864 — VON REINSBERG-DÜERINGSFELD, O. Freiherr — “Volkstümliche Benennungen von Monaten und Tagen bei den Romanen”, in *Jahrbuch für Romanische und Englische Literatur*, Leipzig, Brockhaus, 1864, p. 361-392 (abrev.: *VBMTR*, 1864).
- 1867 — ROCHHOLZ, E. L. — *Deutscher Glaube im Spiegel der heidnischen Vorzeit*. Berlin, Ferd. Dümmlers Verlagsbuchhandlung, 1867, 2 vol. (“Die deutschen Wochentage. Geschildert nach dem Grund ihrer wechselnden und Zeitbräuche” — vol. II, p. 1-63) (abrev.: *DdW*, 1867).
- 1876 — MIKLOSICH, Franz — *Die christliche Terminologie der slavischen Sprachen* — Eine sprachgeschichtliche Untersuchung — Wien, 1876, 58 p. (sobre a semana: § 20, p. 19-21) *Denkschriften der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften* (Philosophisch-Historische Classe), Band XXIV) (abrev.: *DchTslSp*, 1876).
- 1895 — KLUGE, Fr. — “Die deutschen Namen der Wochentage Sprachgeschichtlich erläutert”, in *Beiheft 8 zur Zeitschrift des allgemeinen deutschen Sprachvereins*, 1895, p. 89-98 (o artigo apresenta-se como I, mas não saiu continuação) (abrev.: *DdNWSpe*, 1895).
- 1900 — FISCHER, Hermann — “Die Namen der Wochentage im Schwäbischen”, in *Württembergische Vierteljahrshefte für Landesgeschichte* (neue Folge), IX Jahrgang, 1900, p. 158-196 (índice alfabético de todo o volume: p. 513-528) (abrev.: *DNWSch*, 1900).
- 1901 — JENSEN, P. — “Die siebentägige Woche in Babylon und Niniveh”, in *Zeitschrift für deutsche Wortforschung*, I (ZfdW.I, 1901), p. 150-160 (abrev.: *DsWBN*, 1901).
- 1901 — NÖLDEKE, Th. — “Die Namen der Wochentage bei den Semiten”, in *Zeitschrift für deutsche Wortforschung*, I, Strassburg, 1901, p. 161-163 (abrev.: *DNWS*, 1901).
- 1901 — THUMB, Albert — “Die Namen der Wochentage in Griechischen”, in *Zeitschrift für deutsche Wortforschung*, I, Strassburg, 1901, p. 163-173 (abrev.: *DNWG*, 1901).
- 1901 — THUMB, Albert — “Die albanesischen Wochentage”, in *Zeitschrift für deutsche Wortforschung*, I, Strassburg, 1901, p. 173-175 (abrev. *DaW*, 1901).

- 1901 — GUNDERMANN, G. — “Die Namen der Wochentage bei den Römern”, in *Zeitschrift für deutsche Wortforschung*, I, Strassburg, 1901, p. 175-186 (abrev.: *DNWR*, 1901).
- 1901 — THURNEYSEN, R. — “Die Namen der Wochentage in den keltischen Dialekten”, in *Zeitschrift für deutsche Wortforschung*, I, Strassburg, p. 186-191 (abrev.: *DNWKD*, 1901).
- 1901 — MEYER-LÜBKE, W. — “Die Namen der Wochentage im Romanischen”, in *Zeitschrift für deutsche Wortforschung*, I, Strassburg, 1901, p. 192-193 (abrev.: *DNWR*, 1901).
- 1902 — *VENDRYES, J. — *De hibernicis uocabulis quae a lingua latina originem duxerunt* (dissertationem scripsit atque indices construxit J. Vendryès), Paris, Klincksieck, 1902, 200 p.
- 1902 — DRIVER, S. R. — Art. “Sabbath”, in *A Dictionary of the Bible*, ed. de J. Hastings (abrev. *DB*), vol. IV, 1902, p. 317-323 (abrev.: *Sabbath*).
- 1905 — SHÜRER, Ed — “Die sibentägige Woche im Gebrauche der Christlichen Kirche der ersten Jahrhunderte”, in *Zeitschrift für NT Wissenschaft und die Kunde des Urchristentums*, VI, Giessen, 1905, p. 1-66 (abrev.: *DsWGchK*, 1905).
- 1908 — GILLIÉRON, J. e ROQUES, Mário — “Les noms gallo-romans des jours de la semaine”, in *Revue de Philologie Française et Provençale (RFFP)*, XXII, 1908, p. 266-290 (abrev.: *LNGRJS*).
- 1920 — DUMAINE, H. — Art. *Dimanche*, in *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie*, Paris, Letouzey, t. 4, p. Ière, cols. 898-994 (espec. 858-931) (abrev.: *Dimanche*).
- 1922 — CABROL, Dom. F. — Art. “Les fêtes chrétiennes”, in *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie*, t. V, p. I, 1922, cols. 1403-1453 (espec. 1403-1414) (cit: *Les fêtes chrétiennes*).
- 1925 — SKOK, Petar — “La semaine slave”, in *Revue des Etudes Slaves (RESL)*, v. p. 14-24 (abrev.: *LSSL*, 1925).
- 1927 — FRINGS, Th. e NIESSEN, J. — “Zur Geographie und Geschichte von Ostern, Samstag, Mittwoch “im Westgermanien”, in *Indogermanische Forschungen*, vol. LIV, Berlin — Leipzig, p. 276-306 (Festschrift für R. Thurneysen) (abrev.: *ZGGOSMW*, 1927).
- 1928 — KUBITSCHKEK, W. — *Grundriss der antiken Zeitspreschung*, München, C. H. Beck'sche, 1928: “Antike Wochen” (§ 8, p. 30-40) (abrev.: *GaZ*).
- 1928 — SKOK, Petar — “Les noms des jours de la semaine”, in *Revue des Etudes Slaves*, VIII, p. 87-88 (abrev.: *LNJS*, 1928).
- 1929 — *KRANZMAYER, Eberhard — *Die Namen der Wochentage in den Mundarten von Bayern und Osterreich*, Wien — München, 1929.

- 1934 — FERRUA (S. J.), A. — “Dal Giorno di Dio al Giorno degli Dei”, in *Civiltà Cattolica*, Roma, ano 15.º, vol. II, 1934, p. 128-143 (abrev.: *DGDGD*, 1934).
- 1939 — 1941 — PAIVA BOLÉO, Manuel de — *Os nomes dos dias da semana em português* (influência moura ou cristã?) Coimbra Editora Ltda., 1941 (São artigos de um diálogo entre o Autor e W. Giese (incluídos os deste) publicados em *Biblos*, vol. XV, t. II, pp. 579-582 (1939) e *Boletim de Filologia*, VI, 1940, p. 197-213) (abrev.: *Os nomes*, 1941).
- 1942 — ROHLFS, G. — “Zu den toskanischen Wochentagsnamen”, in *Archiv für Studium der neuere Sprachen*, vol. 180 (1942), p. 117-120 (abrev.: *ZtW*, 1942).
- 1947 — GOROSTIAGA, J. — “La Semana Vasca: El sistema y los nombres de los días”, in *Eusko-Yakintza*, in *Revista de Estudios Vascos*, Bayonne, I, p. 51-56 (abrev.: *LSV*, 1947).
- 1948 — BRUPPACHER, Hans Peter — *Die Namen der Wochentage in Italienischen und Rätoromanischen*, A. Francke, Bern, 1948 (V + 234 p. (+ p. 235-245 com cartas (Romanica-Helvetica 28) (abrev.: *DNWIR*)).
- 1949 — ROHLFS, G. — “Les noms des jours de la semaine dans les langues romanes”, Lisboa, 1949, in *Boletim de Filologia X*, Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, 1949, p. 88-94, Miscelânea Fr. Adolpho Coelho (= *An den Quellen der Romanischen Sprachen*, Halle, 1952, p. 40-50) (abrev.: *LNJSLR*).
- 1950 — VON WARTBURG, Walther — in *Französisches Etymologisches Wörterbuch* (FEW) Art. *luna*, vol. V, p. 451-454 (abrev.: *luna*, in *FEW*, V, 1950).
- 1951 — HENRI, Albert — “Les noms des jours de la semaine en ancien français”, in *Romania* LXXII, p. 1-30 e 224-226 (abrev.: *LNJSAF*, 1951).
- 1951 — LYALL, Archibald — *A Guide to the Languages of Europe* (a Practical Phrase Book), London, Sidgwick and Jackson, (2.ª ed., 9.ª reimpressão) (abrev.: *Lyall's Guide*, 1951).
- 1952 — DA SILVA NETO, Serafim — *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, p. 326-328 (2.ª ed., 1970, mesmas págs.) (abrev.: *HLP*, 1952).
- 1953 — 1954 NYKROG, Per — “Dilun — lun — lundi: une mise au point”, in *Studia Neophilologica*, Uppsala, vol. XXVI, p. 117-142 (abrev.: *Dilun*, 1953/54).
- 1953 — VAN DEN BESSELAAR, José — “Quaestinculae Chronologicae”, in *Anuário de 1953 da Faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientiae” da Universidade Católica de São Paulo*, p. 163-177 (abrev.: *QCh*, 1953).

- 1954 — ROHLFS, Gerhard — *Diferenciación Léxica de las Lenguas Romanicas*. Madrid, RFE, 1960 (Trad. de M. Alvar, de *Die lexikalische Differenzierung der romanischen Sprachen. Versuch einer rom. Wortgeographie* (mit 50 Karten) München, Sitzungsberichte der Bayer. Akad. der Wiss. Phil. Hist. Klasse, Jahrgang 1954, Heft 4) (citada pela trad. esp. mas com data do original. abrev.: *DLLR*, 1954).
- 1954 — * GIESE, W. — “Die Namen der Wochentage und Monate in Albanesischen”, in *Homenaje a Fritz Krüger*, t. I, Mendoza, 1954, p. 50-69.
- 1958 — BAHER, Rudolph — “Zu den romanischen Wochentagsnamen”, in *Romanica Festschrift für Gerhard Rohlf’s*, Halle (Saale), Veb Max Niemeyer Verlag, p. 26-56 (abrev.: *ZrW*, 1958).
- 1958 — MANECA, Constant — “Consideratii cu privire la numele zilelor săptămini în limbele romanice”, in *Omagiu lui Iorgu Iordan*, Bucaresta, Editura Academiei Republicii Populare Romine, 1958, p. 547-555 (abrev.: *Consideratii*).
- 1961 — VON WARTBURG, Walther — in *Französisches Etymologisches Wörterbuch (FEW)* vol. XI, — art. *Sabbatum Samstag*, p. 2-5 (abrev.: *Sabbatum Samstag* 1961).
- 1963 — TAGLIAVINI, Carlo — *Storia di Parole Pagane e Cristiane attraverso i Tempi*, Brescia, Marcelliana, XIX + 643 p. (espec. p. 13-144; 445-459; 481-492) (abrev.: *StPPCr*, 1963).
- 1964 — LOHSE, Eduard — Art. (em caracteres gregos) “*Sábbaton, Sabbatismós, Paraskeué*”, in *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, W. Kohlhammer Verlag, Stuttgart — p. 1-35 (nas p. 1-2 levantam-se 70 títulos bibliográficos) (abrev.: *Sabbaton*, 1964).
- 1967 — SALUM, I.N. — *A Semana Astrológica e a Judeo-Cristã* (Introdução à Problemática da Nomenclatura Semanal Românica). São Paulo, 1967, 240 p. mimeografadas (Tese de Livre-Docência inédita) (abrev.: *INTROD.*, 1967).
- 1968 — SALUM, I.N. — *A Problemática da Nomenclatura Semanal Românica*, São Paulo 1968, X + 194 + 34 p. mimeografadas (as 20 últimas com 28 cartas) (Tese de Cátedra, inédita) (abrev.: *A Problemática*, etc., 1968).
- 1972 — LI CHING — “Os nomes dos dias da semana no Extremo Oriente, influenciadas pela língua portuguesa” in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. IV, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, p. 711-713.